

1906 – 2006

# O PASSAR DA BANDA

A história dos  
100 anos da  
Banda União Operária  
de Piracicaba



1906 – 2006

# O PASSAR DA BANDA

A história dos 100 anos da  
Banda União Operária de Piracicaba

INSTITUTO  
HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA



Ins. Hist. de  
Ação Cultural



Câmara de Vereadores  
de Piracicaba







# 1921

Banda Lyra Guarany, um dos grupos musicais que atuavam em Piracicaba no início do século XX

Acervo Banda União Operária, 1921

# CLUBE ATLETICO

FILIA  
FP

IMPRESA

ATLE





PIRACICABANO

AUTORIDADES

# 1949

Banda União Operária, em foto na sede do Clube Atlético Piracicabano.

Acervo Banda União Operária, 1941



# 2006

Formação da Banda União Operária no  
ano da comemoração do seu centenário

Davi Negri/Câmara de Vereadores de Piracicaba





O PASSAR DA BANDA  
1906 - 2006  
A história dos 100 anos da  
Banda União Operária de Piracicaba

---

Uma publicação do Instituto Histórico  
e Geográfico de Piracicaba, com apoio da Secretaria  
Municipal da Ação Cultural, da Câmara de Vereadores e  
de Dedini S/A. Editado por Los 3 Gatos Editores.

---

Copyright 2006 by  
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

1ª impressão/2006

Coordenação Geral  
Haldumont Nobre Ferraz (IHGP)

Pesquisa e redação de texto  
Lívia Carvalho Paulillo (IHGP)

Pesquisa iconográfica  
Cássio Marafante, Eduardo Gabriel,  
Lívia Carvalho Paulillo (IHGP)  
Acervos do IHGP e Banda União Operária

Capa, projeto gráfico e edição de imagens  
Renato Ferrante

Foto da capa  
Acervo IHGP /Foto Lacôrte – dezembro,1963  
Apresentação da Banda União Operária durante  
inauguração da Rodoviária de Piracicaba

Editoração e tratamento de imagens  
Los 3 Gatos Editores

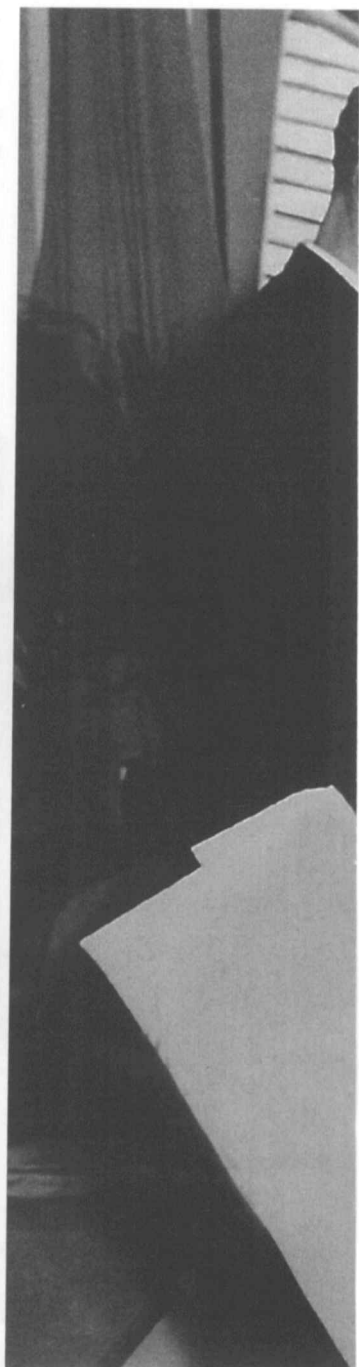
Revisão  
Francisco Perroni

Cafezinho  
Eva e Odila



EDITORES

Rua Floriano Peixoto 1.380 – Sala 1  
13419-170 – Piracicaba (SP)  
Fone/Fax : (19) 3402-6317  
los3gatos@los3gatos.com.br





1968. Ensaio da Banda União Operária  
Acervo Banda União Operária, 1968



THE MARCHING BAND OF THE UNIVERSITY OF MICHIGAN, led by Dr. J. W. Johnson, performs in front of the Old Union Building.



1968

Apresentação na cidade de Barcelona (Espanha)  
Idálio Filetti/Acervo Banda U.O.P.



**INSTITUTO  
HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA**

**INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA**

Rua do Rosário, 781  
2º piso  
Centro  
Piracicaba/SP  
CEP 13400-183  
Tel.: (19) 3434-8811  
Fax: (19) 3434-8811  
ihgp@ig.com.br



Sec. Mun. de  
Ação Cultural

**SECRETARIA  
MUNICIPAL DE AÇÃO  
CULTURAL**

Rua Maurice Allain, 454  
Engenho Central  
Piracicaba  
SP  
CEP 13405-123  
Tel.: (19) 3403-2600  
Fax: (19) 3403-2601  
www.piracicaba.sp.gov.br



Câmara de Vereadores  
de Piracicaba

**CÂMARA DE  
VEREADORES  
DE PIRACICABA**

Rua Alferes  
José Caetano, 834  
Centro  
Piracicaba/SP  
CEP 13400-120  
Tel.: (19) 3403-6552  
Fax: (19) 3403-549  
www.camarapiracicaba.sp.gov.br



**DEDINI S/A**

Rod. Rio Claro – Piracicaba,  
km 26,3  
CEP 13414-970  
Caixa Postal 1249  
Piracicaba/SP  
Tel.: (19) 3403-3010  
Fax (19) 3403-5491  
www.dedini.com.br

# ÍNDICE

## INTRODUÇÃO

Prefeitura de Piracicaba .....	14
Barjas Negri. Prefeito gestão 2004 – 2008.	
Secretaria Municipal da Ação Cultural .....	16
Rosângela Rizzollo Camolese. Secretária gestão 2004 – 2008.	
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba .....	17
Paulo Bassetti. Presidente gestão 2006 – 2008.	
Dedini S/A .....	18
Mário Dresselt Dedini	
1. UMA CIDADE BELA E PITORESCA .....	21
2. A LYRA PIRACICABANA E OUTRAS BANDAS .....	29
3. MÚSICA NO JARDIM: OS PRIMEIROS ANOS .....	33
4. EM BUSCA DE UMA SEDE PRÓPRIA .....	39
5. A CORPORÇÃO MUSICAL DO TIRO DE GUERRA 542 .....	45
6. A GLÓRIA EM BARCELONA .....	51
7. MARIO DEDINI: O GRANDE MECENAS .....	61
8. DO LUTO AO CENTENÁRIO .....	67
9. AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO .....	73
10. DEPOIMENTO I .....	76
11. DEPOIMENTO II .....	82
12. FONTES DE PESQUISA .....	87

## INTRODUÇÃO

É ATÉ DIFÍCIL DE ACREDITAR! Temos visto ao longo do nosso caminho inúmeras instituições voluntárias que no início são fortes, grandes, prometem um futuro glorioso e, quando menos se espera, desaparecem.

Felizmente, foi exatamente o contrário que aconteceu com este verdadeiro ícone da música piracicabana. A Banda União Operária comemora 100 anos e consolida sua tradição, sua força e sua efetiva participação na vida cultural da cidade. Fico imaginando como era no início do século passado, quando não existiam o rádio, a TV, a Internet e todas as atuais formas de entretenimento. As pessoas saíam de suas casas, iam até a praça central e lá ficavam por horas, ouvindo a banda tocar no coreto. Era o programa da família do final de semana, a oportunidade para encontrar amigos, saber notícias. Deviam ser bons tempos aqueles e a presença da música tornava-os ainda melhores.

De lá prá cá, esta valorosa corporação marcou presença em momentos históricos da nossa cidade. Além das paradas de 7 de Setembro e outras datas cívicas, a União Operária também deixou oficializada suas melhorias na despedida dos pracinhas para a Itália e nas manifestações pela Revolução de 32. Como registrado nesta publicação, as apresentações foram se sucedendo e o reconhecimento pelo bom trabalho chegou entre outras manifestações, com o convite para apresentações em Barcelona e aos reis de Espanha, em 1968. A banda piracicabana foi o único conjunto bandístico da América Latina no evento que reuniu o melhor do gênero em todo o mundo.

Para a cidade em si, a banda tem uma tradição memorável: os almoços do 1º de maio. Uma festa para comemorar o Dia do Trabalho que ocorre quase ininterruptamente ao longo de um século.

As dificuldades ao longo do caminho foram de todas as ordens, mas principalmente financeiras. É sabido que a maioria dos governantes de tempos atrás, pouco ou nada se preocupavam com a cultura, com a música. Grupos como o da União Operária sobreviveram de doações e pagamentos por suas

apresentações. Certamente passaram por tempos difíceis e como um autêntico conjunto conseguiram superar os obstáculos.

E hoje, ao vê-los recebendo justas homenagens neste centenário, sinto-me satisfeito ao constatar que a Secretaria Municipal da Ação Cultural foi sensível e aliando-se a outros parceiros igualmente tocados pela história e pelo valor desta corporação, dão-lhes merecido suporte para continuar trazendo música de qualidade à nossa população.

Parabéns, Banda União Operária!

BARJAS NEGRI  
Prefeito de Piracicaba  
Gestão 2004 – 2008



MUITAS SÃO AS TRADIÇÕES DE PIRACICABA que a destacam no cenário cultural e artístico em nível nacional e que lhe renderam a designação de Atenas Brasileira. Entre essas tradições, destaca-se a Corporação Musical "União Operária" que, este ano, atinge de forma indelével a marca centenária de atividades relevantes para a vida cultural da cidade.

Um século de história em sincronia e harmonia com a história de Piracicaba, que orgulhosamente registra em seus anais uma organização dedicada à música por período tão expressivo.

Uma história rica, escrita e "cantada" pelo próprio povo, e que nos leva a reverenciar todas as almas que se alinharam à banda para cumprir o ofício sagrado de fazer música com alegria, durante o transcorrer dos seus 100 anos.

Uma história que vem ratificar a tradição musical de Piracicaba, com suas escolas de excelência e músicos reconhecidos internacionalmente.

Neste momento tão significativo, não podemos nos esquecer de reverenciar também a generosidade de Mário Dedini, empresário que incorporou a banda como um ícone cultural piracicabano, tornando-se um de seus mais importantes incentivadores, exemplo que foi seguido posteriormente por gerações da sua família.

Para mim é uma honra e um grande privilégio, neste momento, como secretária municipal da Ação Cultural, participar da comemoração centenária da Corporação Musical "União Operária" e ter a oportunidade de render minhas singelas homenagens a todos os seus músicos, exemplos vivos para a juventude.

ROSÂNGELA RIZZOLLO CAMOLESE  
Secretária Municipal da Ação Cultural  
Gestão 2004 – 2008

A PUBLICAÇÃO DE "O PASSAR DA BANDA" vem fechar com chave de ouro as comemorações do centenário da Banda União Operária de Piracicaba.

A celebração dos 100 anos não estaria completa sem o registro documental dos fatos e imagens que marcaram a trajetória da nossa gloriosa – e agora centenária –, corporação musical. Momentos importantes de sua história e da cultura de Piracicaba; informações, imagens, fatos e personagens que estavam talvez condenados ao esquecimento, surgem agora vivos, disponíveis e preservados com a publicação do livro.

Este tem sido o bom combate que nós, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, temos procurado travar: preservar a história de Piracicaba e a memória de nossas mais ricas tradições culturais por meio da pesquisa bem fundamentada e da publicação de livros e revistas. Tarefa nobre e de interesse de todos nós, cidadãos piracicabanos, mas que não seria possível sem a colaboração sempre presente de parceiros como a Secretaria da Ação Cultural, a Câmara de Vereadores e o grupo Dedini S/A, ao qual nos reunimos nesse bem sucedido intento de trazer ao público a história da nossa Banda União Operária.

Uma justa homenagem aos músicos de todos os tempos do grupo e a todos aqueles que colaboraram para a permanência dessa bela tradição musical entre nós.

PAULO BASSETTI

Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

Gestão 2006 – 2008

MEU AVÔ, MARIO DEDINI, assim como todos os meus familiares, sempre participaram intensamente da vida da cidade de Piracicaba. Por conta dessas atividades, já vivi momentos muito gratificantes e emocionantes, ao receber homenagens por várias atuações e obras realizadas em benefício da nossa comunidade.

Nesse sentido, eu tento, modestamente, trilhar esse caminho, não só no que se refere à minha pessoa, como nas empresas das quais participo. Uma das atuações do meu avô que mais me comove e me enche de alegria é o fato de ele ter sido um grande colaborador e um amigo sempre presente da Corporação Musical União Operária. E por que não falar Patrono Emérito da Banda!

Acredito que meu avô, fiel ao tradicional costume italiano de trazer às festas uma banda musical, procurava sempre promover as apresentações da "União Operária". Quando escutava suas melodias, com certeza, vinha-lhe à memória os bons momentos de sua infância, fazendo surgir imediatamente um largo sorriso em sua face.

Imagino como foi grande a sua alegria ao ser homenageado pelo regente Oswaldo Petermann, no dia primeiro de maio de 1960, portanto, há quarenta e seis anos, com a "Marcha Grande Oficial Mário Dedini", cuja partitura original estava em poder da minha família e a qual transferi, recentemente, com muita emoção, para o acervo da Corporação.

Essa mesma alegria me acompanhou durante toda minha infância e se mantém até hoje na nossa família! Vem desde o tempo do meu pai, Armando, grande entusiasta da Corporação, pela qual demonstrava grande carinho.

Além disso, desde que eu me conheço por gente, o primeiro de maio, em que se comemora o Dia do Trabalho, sempre foi um dia de música: a querida banda União Operária nos despertava (e continua nos despertando) à vida, com seus magníficos acordes. A música sempre fez parte da minha vida. Em casa, todos nós – minha mãe, Norma, minha esposa, Márcia, minhas filhas e

eu – somos musicais. Sabemos, ainda que de forma amadora, tirar algumas notas musicais de alguns instrumentos.

E a tradição continua! Posso dizer que participo dessa corporação como colaborador, amigo e entusiasta e vibro com suas conquistas. Para mim, é motivo de orgulho poder dizer que tenho um pouquinho a ver com a existência dessa secular instituição.

A Banda União Operária honra Piracicaba. Quantas cidades do Brasil possuem uma instituição centenária como essa, composta por tão grandes valores artísticos? Por isso, sempre que posso, gosto de agradecer a essa Corporação me terem oferecido, desde o meu nascimento até hoje, música de qualidade.

Longa vida à Corporação Musical União Operária! Que seus valorosos componentes continuem, sempre, nos brindando com suas primorosas apresentações!

MÁRIO DRESSELT DEDINI  
Dedini S/A

O empresário e comendador Mário Dedini, que foi um dos principais incentivadores da Banda União Operária



Acervo IHGP



Imagem da primeira década do século XX, mostrando a principal rua de Piracicaba na época, a então rua do Comércio, hoje Governador Pedro de Toledo

Acervo IHGP

O PASSAR DA BANDA

1

UMA CIDADE BELA  
E PITORESCA

---



**P**iracicaba começou o século XX, nas palavras da historiadora Marly Percin, "como uma cidade bela e pitoresca", "cultura e civilizada". De acordo com dados do Recenseamento Federal de 1900, o município contava, naquele mesmo ano, com uma população estimada em 25.374 pessoas<sup>1</sup>. Já em 1911, Piracicaba possuía cerca de 40 mil habitantes – destes, 18 mil na cidade – e aproximadamente 3.060 prédios construídos<sup>2</sup>.

Era uma cidade em desenvolvimento, urbanizando-se, com bairros sendo arborizados, com luz elétrica (1893) – iniciativa de Luiz de Queiroz – abastecimento de água (1887) e serviço de esgoto (1898). Porém o município não deixava de ter problemas, como o comércio da carne, que não atendia às necessidades da população, a navegação fluvial, que não funcionava nos horários e dias previstos, assim como os atrasos e perdas de carregamentos da Ituana, responsável pelo transporte ferroviário.

A cana-de-açúcar, o café e o algodão eram as principais culturas agrícolas da cidade. A indústria por sua vez contava com fábricas de alimentos, como a de açúcar, que abastecia os engenhos Central e de Monte Alegre, a de tecidos, a famosa Fábrica Aretusina, posteriormente Boyes, entre outras. O comércio estava se desenvolvendo principalmente após a chegada dos imigrantes, que eram portugueses, italianos, sírios, alemães, judeus... Entre os estabelecimentos comerciais, Marly Percin destaca importantes lojas de "secos e molhados, panos e armarinhos, de louças e ferragens, padaria, farmácias e selarias"<sup>3</sup>.

O comércio, porém, sofria de problemas comuns de uma cidade do interior, como a distância da capital, problemas relacionados com o cultivo da agricultura, a falta de bancos e a já citada deficiência nos transportes.

O preconceito contra os negros era tema permanente no município, já que a abolição, ocorrida havia pouco (1888), não tinha resolvido temas como a integração do negro na sociedade, sua educação e meios de sobreviver. Ao contrário, o País apostou no imigrante como nova força de trabalho, deixando o negro à margem. A cidade recebia então italianos, turcos, sírios, libaneses, alemães..., como já dito acima, grandes incentivadores do comércio.

A educação também estava se expandindo, entre as classes primárias estaduais e municipais. Entre os grupos escolares criados no início do século XX, destacavam-se, por exemplo, o Barão do Rio Branco, Moraes Barros e a Escola Complementar, posteriormente Escola Sud Mennucci. As principais escolas eram públicas, e existiam também os Colégios Assumpção de Nossa Senhora, o Piracicabano, a Escola Prática de Agricultura Luiz de Queiroz,

<sup>1</sup> Dados encontrados no livro Almanaque de Piracicaba de 1936.

<sup>2</sup> Percin, Marly Therezinha Germano. Síntese Urbana (1822-1930). Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), 1989, p.17

<sup>3</sup> idem, p.17

mais conhecida como Escola Agrícola. Os religiosos, tanto católicos quanto protestantes, influenciavam a vida piracicabana não apenas no campo religioso, mas também no campo social, uma vez que proporcionavam a educação.

No campo político, o Partido Republicano Paulista era representado pelo dr. Paulo de Moraes Barros, jovem médico e herdeiro político de seu pai, o senador Manoel de Moraes Barros, e de seu tio, o presidente da República, Prudente de Moraes Barros. Já os monarquistas, também chamados após a Proclamação da República (15 de novembro de 1889) de monarquistas conservadores, eram representados por Estevam Ribeiro de Souza Rezende, o Barão de Rezende. Os republicanos, embora participantes políticos, não mais possuíam a expressão política que caracterizou o Império.

Piracicaba, no início do século XX, possuía então dois jornais: a "Gazeta de Piracicaba", fundado em 1822, e o "Jornal de Piracicaba", fundado em 1900. Estes eram responsáveis não apenas pela divulgação de assuntos relacionados com política, economia e problemas enfrentados pela cidade, mas também dispensavam grande atenção aos assuntos relacionados à vida social e cultural dos piracicabanos. As bandas de música eram primordiais para a diversão e os passeios dos piracicabanos. Elas participavam dos acontecimentos diversos no município, desde datas cívicas, procissões, festas particulares e inaugurações, até cortejos fúnebres, como o de Francisco José da Conceição, o Barão de Serra Negra, em 1900. As Alvoradas, toques de música ao nascer do dia, também eram comuns em datas comemorativas e feriados.

De acordo com o professor Guilherme Vitti, estudioso da história piracicabana, a importância e tradição das bandas de música na cidade têm como primeira data 1854, que, segundo o registro do Livro 7 das Atas da Câmara, descreve as comemorações por motivo do nascimento do Príncipe Pedro, posteriormente D. Pedro II.

O professor assinala que os livros da Câmara registram a participação de bandas em eventos na cidade em três momentos no século XIX, fazendo referência aos grupos musicais, porém sem denominá-los. Os eventos são o já citado 1854, depois 1868, na solenidade de nacionalização do padre José Serafim de Rihillo, e finalmente 1870, nas festas realizadas em comemoração ao término da Guerra do Paraguai. Já em 1883, no Livro 13 das Atas da Câmara, surge um documento que faz referência nominal a uma banda – Sociedade Musical Euterpe Piracicaba. No documento, encontrado e transcrito pelo professor Guilherme Vitti, os dirigentes dessa agremiação musical pedem auxílio aos "representantes do povo", para a compra de instrumentos, peças musicais e



fardamento, propondo retribuir a ajuda na forma de apresentações no coreto do Jardim Público, aos domingos e dias festivos.

Desde o primeiro registro de uma banda musical na cidade, Piracicaba possuiu várias Corporações Musicais, entre elas, a "Banda Stipp", a "Carlos Gomes", a "Azarias de Mello", a "Banda da Fazenda Monte Alegre", a "União Operária", a "Luiz Dutra", a "Pompéia", a "Pedro Morganti", a de "Sant'Ana". Já no início do século XX, as bandas de música não se apresentavam apenas no Jardim Público e em dias festivos, mas também eram contratadas por casas de diversões. Entre bares, restaurantes e casas de danças, o "Éden Piracicabano", localizado na rua Santo Antonio, destacava-se, pois era uma casa de diversões muito requisitada para festas, reuniões, serestas, saraus, inclusive familiares e as famosas "matinéas"... Enfim, era um bar-restaurant muito freqüentado pelas elites, e local em que freqüentemente as bandas de música da cidade se apresentavam. O teatro também era diversão certa. O teatro Santo Estêvão, localizado no Jardim Público, era palco de espetáculos, reuniões, assembléias e óperas, que atraíam grande número de espectadores e contavam com a participação das bandas "Azarias de Mello" e "Carlos Gomes", as bandas da cidade no início do século XX. As "Kermesses", muitas vezes festas beneficentes, também contavam com a participação das bandas.

Mas eram os concertos no coreto do Jardim Público o grande acontecimento esperado, pois atingiam todas as esferas da população piracicabana. Os jornais existentes na cidade, "A Gazeta de Piracicaba" e o "Jornal de Piracicaba", noticiavam os horários e datas das apresentações, assim como notas lamentando o cancelamento delas, geralmente por causa do mau tempo. As bandas eram contratadas pela prefeitura para as apresentações no Jardim, que aconteciam nos finais de semana, feriados e datas comemorativas. Local de encontros por excelência, o Jardim Público se tornava palco do "footing", ou o famoso "quadrar jardim", um ritual para ver e ser visto. Os moços passeavam em sentido horário ao longo do Jardim, enquanto as moças, em grupos, andavam em sentido anti-horário.

## Musica no jardim

Sob a regencia do sr. maestro Carlos Brasiliense, tocará hoje, á noite, no coreto do jardim da praça José Bonifacio, a C. M. «União Operaria», que executará o seguinte programma:

### I PARTE

- 1 -- a) F. Manoel — Hymno Nacional  
b) B. Lorena — Hymno Paulista;
- 2 -- G. Puccini — La Boheme — Phantasia;
- 3 -- J. C. Dias — Canção do Soldado Piracicabano;
- 4 -- C. Gomes — Guarany — Symphonia.

### II PARTE

- 5 -- Brasiliense — Uma noite em Quitaúna — Degrado Militar;
- 6 -- Waldteufel — Toujours fidèle — Grande valsa — (redução do M.º Eroth. de Campos;
- 7 -- D. Pedro I -- Hymno da Independencia;
- 8 -- a) E. Lorena -- Hymno Paulista  
b) F. Manoel — Hymno Nacional.

Como vemos, a C. M. «União Operaria» tocará duas musicas de autores piracicabanos, que são: «Canção do Soldado Piracicabano», de J. C. Dias e «Uma noite em Quitaúna», de Carlos Brasiliense, para as quaes chamamos a attenção dos nossos leitores.

## Musica no Jardim

A banda «Carlos Gomes» executará hoje, á tarde, no Jardim Publico, diversas peças do seu repertorio, destacando-se a *Traviata*, de Verdi.

Gazeta de Piracicaba, edição de 28 de janeiro de 1906  
Acervo IHGP

Jornal de Piracicaba,  
edição de 31 de julho de 1932  
Acervo IHGP

## "Bandas de Música "

Reprodução de artigo de João Chiarini publicado no Almanaque de Piracicaba de 1955

\* \* \*

*Quem se embrenha pela nossa História, observa que o progresso das cidades começava pela Matriz, pela Santa Casa e pela Banda de Música.*

*Esses grupos de artistas, esses conjuntos musicais que, geralmente, tinham o nome de "Lira", de "Euterpe" ou de "Filarmônica", representavam muito para a vida social dos centros do interior. Em torno deles, desenrolavam-se os dias propícios e os dias maléficos das populações. Os moços gastavam horas esquecidas na sede da banda, exercitando-se nas clarinetas, nas flautas, nas requintas e nos trombones de vara.*

*Quantos não compunham valsas, e dobrados, com o nome das suas belas. Músicos como Patápio Silva, Erothides de Campos, Belmácio Pousa, Newton de Mello tornaram-se conhecidos no País inteiro. As composições locais, muitas vezes, eram executadas nos coretos do jardim do "Largo da Matriz" ou nos jardins da "Ponte" pois aqui havia dois. Os rapazes faziam a volta (o povo diz "quadra") da direita para a esquerda e as moças o contrário, encontrando-se de tempos em tempos, para trocarem seus melhores sorrisos... As bandas de música estavam bem fundo na ternura das populações do interior. Em certos casos, a mesma cidade contava dois conjuntos. Até mesmo três. Piracicaba houve época que teve cinco: "União Operária", "Luiz Dutra", "Pompéia", "Pedro Sérgio Morganti" e a de "Sant'Ana'.*

*Como é natural, viviam numa perpétua competição. Os "maestros" mal se cumprimentavam. As "figuras" não freqüentavam as mesmas confeitarias, e o público, no jardim, nas salas de visitas das casas de esquina com três janelas de frente para cada rua, discutia acaloradamente a superioridade da banda de sua preferência.*

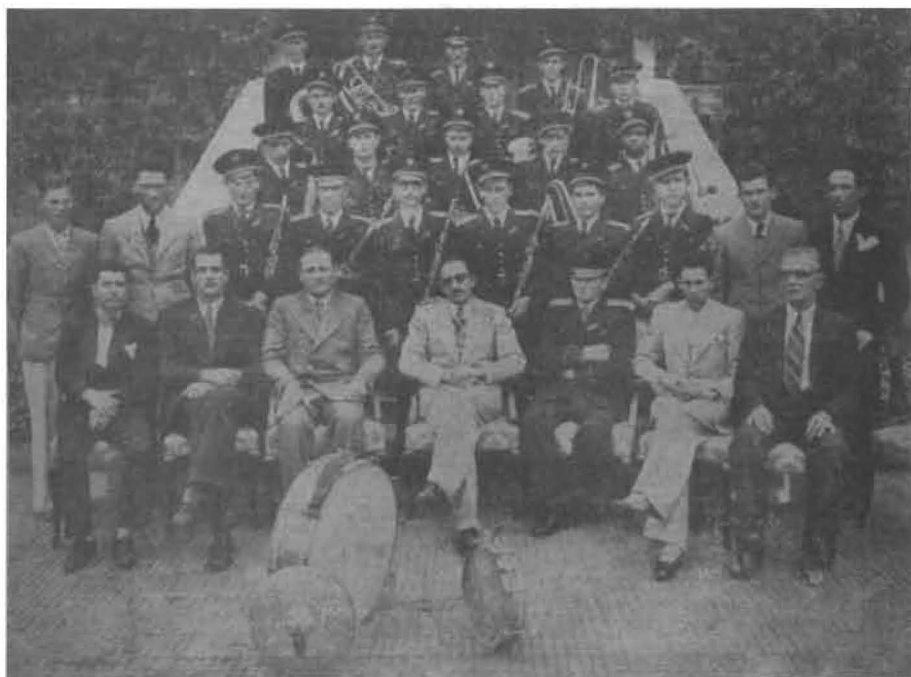
*Hoje, as coisas parecem mudadas. Talvez, a antiga competição de que falávamos já não seja tão acirrada. Mas, ainda assim, a cultura musical do interior é admirada por quantos visitam as suas cidades, sejam elas desta ou daquela zona. Imagina-se, pois, o entusiasmo com que a notícia do "Concurso de Bandas Civis do Interior", promovido pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, em 1950 foi recebida por toda parte. Piracicaba se representou nesse conclave, através da "União Operária", que fora regida pelo Maestro "Carlos Brasiliense Pinto", já falecido.*

*Esta banda, continuadora da primeira que aqui se formou, pela ação e praticismo dos alemães radicados em Piracicaba, se esforça mais e mais. Dentro de pouco, os devotos mestres e seus executantes desfilarão com seus novos uniformes pelas ruas de nossas cidade. A população local não lhe regateará aplauso. E, lá longe, na cidade dos mortos, ficarão também muitos corações ansiosos, a "torcer" bravamente pela sua corporação musical.*



Banda Azarias de Mello, uma das agremiações musicais que tocava em Piracicaba em 1906, ano de nascimento da Banda União Operária

Acervo IHGP



Corporação Musical Pedro Sérgio Morganti, que também atuou em Piracicaba no início do séc. XX

Acervo IHGP

### **“Lyra Piracicabana”**

Sabemos que acaba de ser organizada aqui uma nova banda de musica com o titulo que nos serve de epigraphe

Regerá a «Lyra Piracicabana» o sr. Antonio Mombuca, que ha pouco dirigiu uma das bandas musicaes de Capivary.

Nota publicada na edição de A Gazeta de Piracicaba de 13 de fevereiro de 1906, anunciando a formação de uma nova banda de nome Lyra Piracicabana

Acervo IHGP

### **Banda União Operaria**

Communica-nos o secretario da banda Lyra Piracicabana que aquella corporação de hoje em diante váse a denominar-se *Banda União Operaria*.

Nota publicada na edição do Jornal de Piracicaba de 1º de maio de 1907, anunciando que a banda Lyra Piracicabana passava a chamar-se Banda União Operária

Acervo IHGP

## 2

A LYRA PIRACICABANA  
E OUTRAS BANDAS

---

**E**xistem pontos controversos a respeito do nascimento da "Lyra Piracicabana". Isso se dá pela falta de documentos em seus arquivos e de pessoas que, por meio do relato oral, pudessem nos contar os primeiros anos da Corporação Musical. Assim, jornais existentes na cidade na época, como "A Gazeta de Piracicaba" e o "Jornal de Piracicaba", são fundamentais para reconstituir seus primeiros anos.

Os jornais noticiam em fevereiro de 1906 a existência de uma banda na cidade em via de organização, a "Lyra Piracicabana". O "Jornal de Piracicaba" informa que a nova banda "conta com bons elementos" e que se filia à tradicional "Azarias de Mello", regida pelo maestro Luiz Dutra.

Já "A Gazeta" dá como nota que a regência da nova Corporação Musical ficou por conta do maestro Antonio Mombuca, que há pouco havia dirigido uma das bandas musicais da cidade de Capivari. Nenhum dos jornais noticiam sua chegada à cidade, porém, segundo Victor Guerrini, um dos primeiros alunos de Mombuca na cidade, o maestro veio de Capivari para Piracicaba no início do ano de 1906 e fixou residência no município.

Outra fonte seria uma reportagem de "O Diário de Piracicaba", de Luiz Leandro, feita para comemorar o cinquentenário da Corporação Musical, em maio de 1956. A reportagem apresenta uma entrevista com três pessoas que participaram dos primeiros anos da hoje chamada "União Operária". Elas apresentam versões com pontos contraditórios sobre o nascimento da banda. Os entrevistados são Augusto José Pereira, o já citado Victor Guerrini e Martinho Fischer Neto. Augusto Pereira é apontado por Luiz Leandro como fundador de três bandas existentes na cidade, entre elas a Corporação Musical

"Lyra Piracicabana". É considerado o braço forte da Corporação Musical em seus primeiros anos, pois contribuiu para providenciar instrumentos, locais para ensaios, aprendizes ou até mesmo músicos (inclusive trazendo alguns de Cabreúva para Piracicaba), como Luizinho das Neves, Erotides de Campos, José Corrêa e José Tobias, entre outros.

Para Pereira, a "Lyra Piracicabana" não se originou da cisão ocorrida na banda "Azarias de Mello". Segundo ele, a "Lyra" contou com a adesão de músicos que se desligaram da "Azarias de Mello", como Martinho Fischer Neto e seu irmão Valentim, assim como músicos descontentes com a banda dos italianos, a Carlos Gomes. Pereira conta ainda que, como cada músico tinha seu próprio instrumento, ficou mais fácil organizar a banda, faltando apenas um maestro. Antonio Mombuca, recém-chegado de Capivari, atendeu sem demora ao convite para ingressar na nova banda.

Victor Guerrini não foi fundador da banda, e sim um dos seus primeiros aprendizes, pois era aluno do maestro Pedro Buttera, da "Carlos Gomes", que segundo ele era "um excelente músico, mas muito bravo", e passou a ser aluno do maestro Antonio Mombuca, em suas palavras "um músico de grande qualidade, baixista de respeito e grande maestro".

Conforme Guerrini, mesmo sendo um músico de qualidade, Mombuca foi de certa forma rejeitado na cidade, já que a "Azarias de Mello" contava com o maestro Luiz Dutra e tinha como baixista Jonas Dutra, estando assim seu quadro de músicos completo. A banda "Carlos Gomes" tinha como maestro Pedro Buttera e como baixista Caetano Cervelin. Um outro fator que, de acordo com Guerrini, contribuiu para que Mombuca não fosse aceito pela banda foi o fato de ser negro, já que Buttera tinha uma certa aversão a negros, mesmo que estes fossem bons músicos. Guerrini ainda acrescenta que Luiz Dutra sabia das qualidades musicais de Mombuca e, como não queria perdê-lo para outras corporações, passou então a incentivá-lo a ajudar na organização de uma terceira banda de música na cidade, uma "filial da Azarias de Mello". Dutra inclusive teria colaborado para a nova banda, fornecendo instrumentos, repertório e até mesmo alguns músicos.

Martinho Fischer Neto, com seu irmão Valentim, foi um dos fundadores da "Lyra Piracicabana", fazendo parte do lado artístico da Corporação, sendo poucas vezes diretor. Na entrevista a "O Diário de Piracicaba", Fischer Neto afirma que Augusto José Pereira foi uma das pessoas mais importantes para a Corporação Musical na época de sua fundação. Ao ser questionado por Luiz Leandro a respeito da cisão da banda "Azarias de Mello" para a formação da

"Lyra", Fischer Neto disse que apenas se recorda da colaboração do maestro Luiz Dutra, não esclarecendo se a "Lyra" foi mesmo uma "filial" da banda "Azarias de Mello", pois em alguns momentos concorda com as versões apresentadas anteriormente e em outros discorda. "A Gazeta" e o "Jornal de Piracicaba" não noticiam a colaboração do maestro Luiz Dutra à "Lyra Piracicabana". Sendo assim, o que se pode afirmar por meio dos dois jornais já citados é que as duas bandas passaram a se apresentar separadamente. No entanto o fato de os jornais não noticiarem a proximidade das duas não significa que não existia algum tipo de amizade ou troca de favores entre seus membros.

\*\*\*

### E A "LYRA PIRACICABANA" PASSA A SER "UNIÃO OPERÁRIA"

O "Jornal de Piracicaba" noticia em 1º de maio de 1907, sem mais justificativas, a mudança do nome da Corporação Musical "Lyra Piracicabana" para Corporação Musical "União Operária". Sendo assim, nada se pode afirmar a respeito do porquê da necessidade da mudança do nome da banda em seu primeiro aniversário. Contudo, segundo os relatos de Augusto José Pereira, Victor Guerrini e Martinho Fischer Neto, entrevistados por Luiz Leandro em maio de 1956, a mudança se deu por causa da assimilação do nome de uma das várias sociedades beneficentes existentes na cidade no período. A Corporação Musical tinha sua sede na rua Treze de Maio, número 13, próxima ao prédio da Sociedade Beneficente Operária, à qual chegou a prestar vários serviços. A assimilação do nome da Sociedade talvez tenha se dado pelo fato de que a proximidade de suas sedes facilitou a entrada de operários como aprendizes de músicos e também porque a Sociedade Beneficente Operária contratou a Banda "União Operária" para variados serviços. Contudo não significa que a Corporação Musical fosse uma espécie de banda exclusiva da mesma, uma vez que os jornais demonstram que a Sociedade Beneficente Operária contratava também outras bandas. O nome "União Operária" também simboliza a forma de organização e nascimento da banda, uma vez que o termo "União" significaria a reunião de vários músicos por amor à música, enquanto o termo "Operária" representaria o dia de seu nascimento, 1º de maio – dia do trabalhador, do operário.



Chafariz do "Jardim Público", em meados de 1920, onde se realizavam apresentações públicas das várias corporações musicais da época.

Acervo IHGP



O PASSAR DA BANDA

3

MÚSICA NO JARDIM:  
OS PRIMEIROS ANOS

---



**P**iracicaba agora possuía três bandas: a recém-criada "União Operária", a "Azarias de Mello", banda tradicional da cidade, e a "Carlos Gomes", a dos italianos, considerada uma ótima banda, noticiada pelos jornais como "Philarmônica" e contratada para se apresentar em outros municípios. A Corporação Musical "União Operária" passou por dificuldades em seus primeiros anos, até que se consolidou como uma Corporação Musical respeitada e valorizada pela cidade.

As notas dos jornais "A Gazeta de Piracicaba" e "Jornal de Piracicaba", intituladas geralmente como "Música no Jardim", mostram que o Jardim Público era local de honra para as apresentações das bandas de música. As Corporações Musicais eram contratadas pela Câmara Municipal para se apresentar no coreto do Jardim aos domingos e dias festivos.

Ao que parece apenas as bandas "Carlos Gomes" e "Azarias de Mello" eram contratadas para essas apresentações, e também algumas bandas de outras cidades em visita a Piracicaba, como a "Recreio dos Artistas", de Capivari. Já a "União Operária" passou a apresentar-se no Jardim Público apenas em 1912, seis anos após sua fundação, como mostram os livros-atas da banda.

O grupo começou a ganhar espaço na cidade e a confiança do público em apresentações na famosa casa de diversões Éden Piracicabano, e também em circos, como no circo Modelo e no do palhaço Alcebiades, sendo contratada por este para todas as apresentações.

A "Sociedade Beneficente 13 de Maio" também foi grande incentivadora da nova Corporação Musical, uma vez que desde seus primeiros anos contrata a banda para animação de seus eventos. É certo que a "União Operária", por ser então uma banda nova, tinha maior disponibilidade de tempo se comparada às outras duas do município no período.

Também o fato de ter como maestro um negro, que possivelmente teria passado por discriminações em outras bandas, pode ser sido um motivo que facilitou a proximidade das duas associações. A "União Operária" seria vista como espécie de aliada com quem a "Sociedade Beneficente 13 de Maio" poderia contar sem receios de sofrer qualquer forma de discriminação, comuns na cidade no início do século XX<sup>2</sup>.

Os primeiros anos teriam sido mais árduos se a "União Operária" não tivesse contado com o apoio de seus fundadores e diretoria, assim constituída em eleição de 1906: Antonio Rigo, como presidente; Tibúrcio de Oliveira, como secretário e procurador; Abrão Ferraz Menezes, como fiscal. E os já citados

<sup>2</sup> Em 13 de maio de 1901, teve início, com o nome de "Sociedade Beneficente Antônio Bento" uma organização de negros nos moldes das associações beneficentes já existentes na cidade, como as de italianos, de espanhóis e de operários. Buscava prestar ajuda para solucionar problemas e necessidades dos negros piracicabanos, arrecadando fundos por meio de festas. O nome da sociedade prestava homenagem ao abolicionista Antônio Bento de Souza e Castro. Sua data de fundação celebrava a Lei Áurea, promulgada em 13 de maio de 1888, que representou o fim da escravidão no Brasil.

Antonio Mombuca, como maestro; Martinho Fischer Neto, como tesoureiro, que, além de cuidar da parte executiva, também ajudava o maestro Mombuca com a parte musical da banda; e Augusto José Pereira, que batalhou para que a banda conseguisse espaço na cidade e chegou até mesmo a "hospedá-la" em sua casa para os ensaios, já que a Corporação não tinha sede própria.

O esforço de seus fundadores fez com que a banda "União Operária" ganhasse o apelido de "A Furiosa". Segundo a reportagem de Luiz Leandro para "O Diário de Piracicaba" de 1956, a Corporação tornou-se "A Furiosa", não por sua participação nas manifestações ocorridas na cidade na Revolução de 1932, mas sim pela maneira com que seus músicos se apresentavam. Sendo assim, quando ela se apresentava em público, era possível perceber a força e a determinação com que seus fundadores tocavam seus instrumentos, como se estivessem "sustentando" toda a Corporação Musical com a "fúria desesperada" de sua música.

\* \* \*

#### A BANDA E A 1ª GUERRA

Os livros-atas da Corporação Musical "União Operária" ajudam a contar a história da banda a partir de 1910. No entanto, ao que parece, nem todas as reuniões ou compromissos da banda foram registrados. A maior parte dos registros mostra reuniões para a eleição e posse das diretorias. Alguns deles contêm as contas da Corporação, em que geralmente as despesas superavam os ganhos, e apontam também a constante mudança de sede, a discussão dos estatutos da banda e, como não poderia deixar de ser, problemas relacionados aos músicos. Sendo assim, o registro do dia 14 de julho de 1915 relata uma reunião entre a diretoria, músicos e sócios da Corporação Musical para resolver um problema de disciplina de alguns músicos. A banda havia sido contratada pela "Sociedade Italiana de Mútuo Socorro", para se apresentar na manifestação organizada para a despedida e homenagem aos reservistas italianos que seguiriam para a Itália, para participar da "Conflagração Européia" (1914 a 1918). O "Jornal de Piracicaba" do dia 11 de julho de 1915 noticia com grande entusiasmo que a "Sociedade Italiana" promoveria uma "sessão magna em homenagem" aos reservistas italianos no mesmo dia, às 19 horas, em sua sede. E ainda que no dia seguinte pela manhã os membros da "Sociedade" se reuniriam novamente para acompanhar, em cortejo pelas ruas da cidade, os

---

Já em 1907 mudou de denominação, passando a chamar-se "Sociedade Beneficente 13 de Maio". Sua sede permanece na Rua 13 de Maio. Fonte: Elias Neto, Cecílio. Memorial de Piracicaba século XX- Almanaque 2000. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e Jornal de Piracicaba, 2000, p.123 - 125

"dignos patriotas", até a estação da Sorocabana. A nota do jornal cita ainda que esse cortejo seria precedido de uma banda de música, mas não especifica seu nome. Já em nota do dia 13 de julho, o jornal comenta que "uma Corporação Musical tocou continuamente" durante os festejos promovidos pela "Sociedade Italiana".

No entanto, segundo o registro do dia 14 de julho no livro-ata da Corporação Musical, apesar de a banda ter participado do evento da "Sociedade Italiana", alguns músicos deixaram de comparecer. O relato não especifica qual o motivo da falta e o número exato de músicos, mas mostra a indignação da diretoria e dos sócios neste que foi considerado um caso de indisciplina extrema. A diretoria deixa claro ainda que "os estatutos da banda não visam cor política" e que por este motivo a Corporação Musical deve "atender a qualquer chamado".

Para resolver o impasse com a "Sociedade Italiana", ficou decidido que a diretoria manifestaria sinceras desculpas. Internamente a banda, além de advertir e multar em dinheiro os músicos indisciplinados, encarregou Martinho Fischer Neto de cuidar para que episódios como este não se repetissem.

\* \* \*

#### "VIVAS" PARA A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA

A Corporação Musical "União Operária", sob a regência do maestro Carlos Brasiliense, participou das manifestações ocorridas em Piracicaba na Revolução Constitucionalista de 1932 (9 de julho a 20 de setembro). O movimento foi uma revolta contra o governo federal, que desde 1930 estava sob a liderança de Getúlio Vargas, com apoio dos militares. Começou no Estado de São Paulo e posteriormente foi apoiada por mineiros e gaúchos. Os constitucionalistas, de acordo com o "Jornal de Piracicaba" de 12 de julho de 1932, contestavam "a ditadura que dominou o Brasil desde outubro de 1930" e queriam o direito de escolher seu próprio governante e elaborar uma nova Constituição.

Quando a notícia da organização de um novo governo paulista chegou a Piracicaba, a cidade toda se agitou em comemoração. Em 24 de maio o "Jornal de Piracicaba" noticia que o entusiasmo popular era grande após a confirmação de que o Estado de São Paulo estava unido contra o governo Vargas. Segundo o jornal, os piracicabanos saíram em cortejo pelas ruas da cidade e, acompanhados pela Corporação Musical "União Operária", gritavam "vivas frenéticos".

O conflito teve início no dia 9 de julho, quando protestos contra o interventor do governo que passava por São Paulo terminaram em mortes de estudantes. Após esse episódio, o Estado, unido pelo mesmo ideal, declarou guerra ao governo federal.

Piracicaba enviou dois batalhões de voluntários para os conflitos. O segundo, que partiu à capital em 24 de julho, contava com cerca de 200 homens. A cidade se orgulhava de estar entre as primeiras do Estado em números de voluntários enviados aos campos de batalha.

A banda "União Operária" recebeu em 20 de julho a letra e partitura de o "Hino Paulista", cedido pelo professor Erothildes de Campos. Segundo nota do jornal, o maestro Raphael Pero já estava ensaiando com a banda para tocá-lo nas manifestações cívicas de Piracicaba, tornando-o assim "grandemente popular". O repertório da "União Operária" buscava agradar à população e contava também com as músicas "Uma noite em Quintaúva", um dobrado militar composto por Carlos Brasiliense, e "Soldado Piracicabano", de João Carlos Dias, além dos Hinos Nacional, da Independência e o Paulista.

São Paulo e seus aliados perderam o conflito, encerrado em 20 de setembro do mesmo ano, mas o Brasil ganhou em 1934 uma nova Constituição.



Cartaz da Revolução  
Constitucionalista de 1932.  
Arquivo Nacional, RJ

**Hymno Paulista**

A musica do bellissimo hymno, cuja letra publicámos hontem, foi reduzida para banda pelo maestro prof. Erothildes de Campos, estando a C. M. «União Operaria» já de posse da partitura.

O apreciado conjuneto musical do maestro dr. Raphael Pero está ensaiando o «Hymno Paulista» para tocá-lo nas manifestações cívicas, de modo a torná-lo grandemente popular.

Por nosso intarmedio, a «União Operaria» agradece a gentileza do prof. Erothildes de Campos, que lhe cedeu a partitura alludida.

Nota publicada no Jornal de Piracicaba de 21 de julho de 1932, anunciando a execução do "Hymno Paulista" pela Banda União Operária.

Acervo IHGP



Comemoração dos 50 anos da Banda União Operária, em 1956, já na nova e definitiva sede

Acervo IHGP

## 4

EM BUSCA DE UMA  
SEDE PRÓPRIA

**D**urante sua trajetória, a "União Operária" passou por muitas sedes, até conseguir sua "casa própria", que, nas palavras de Luiz Leandro, em reportagem de 1956, significava "estabilidade, confiança e um melhor futuro". Em seus primeiros anos, como já dito anteriormente, a Corporação Musical contava com a casa de seus fundadores, como Martinho Fischer Neto e Victor Guerrini, para os ensaios e aulas de música ministradas aos aprendizes.

Os livros-atas da banda apontam desde 1910 – data inicial dos registros –, além das discussões a respeito dos estatutos da Corporação Musical, a mudança constante de sede<sup>1</sup>. Assim, em reunião de 5 de agosto de 1926, a comissão encarregada da compra de um terreno para a construção da sede da "União Operária" apresentou um endereço na rua Regente Feijó, de propriedade de Antônio Sachs.

A Corporação Musical não tinha no período o dinheiro necessário para adquirir o imóvel. Ficou decidido que a compra poderia ser feita se a quantia fosse parcelada, e a "União Operária" realizasse várias apresentações para alcançar a arrecadação necessária. Os livros-atas informam, no entanto, que a Corporação Musical não conseguiu concretizar a compra da nova sede, possivelmente por causa da falta de recursos. A campanha para a compra da nova sede aparece novamente apenas no registro de 24 de julho de 1947. A Corporação Musical já havia algum tempo estava angariando fundos, em um esforço de todos os membros da banda, para comprar um terreno. Assim, entre as medidas apresentadas para complementar o dinheiro já adquirido pela "União Operária", estava a rifa de uma mobília de quarto.

<sup>1</sup> Entre os endereços pelos quais a "União Operária" passou estão rua 13 de maio, nº 13 (registro em 2/1/1910), rua do Rosário, nº 28 (registro em 24/1/1912), rua do Conselho, nº 19 (registro em 20/6/1917), rua Alferes José Caetano, nº 26 (registro em 14/10/1920), rua do Comércio, nº 119 (atual rua Governador Pedro de Toledo - registro em 28/1/1921), rua São José, nº 32 e nº 48 (registros de 25/5/1925 e 21/12/1926 respectivamente), rua 13 de maio, nº 135 (registro de 19/4/1928), Rua do Rosário, nº 174 (registro de 24/4/1929), novamente na rua São José, nº 48 (registro de 23/5/1930), Praça 7 de Setembro (1/5/1947), e finalmente em registro de 24/7/1947 a compra da sede atual, na rua Santo Antônio, nº 502.



Na ocasião foi informado pela diretoria da Corporação Musical que existia um prédio, de propriedade de José Ferraz dos Santos, localizado na rua Santo Antônio, número 502, à venda. O valor do prédio era de Cr\$ 34.000,00 (trinta e quatro mil cruzeiros), mas a banda possuía em caixa apenas Cr\$ 25.862,60. Sendo assim, o tesoureiro da Corporação Musical, o sr. Francisco Campregher, considerando a "ótima localização do prédio e pelo bom preço do mesmo", ofereceu-se para completar a quantia que faltava para a aquisição da futura sede da banda. Já no dia 14 de agosto, a "União Operária" estava em festa, uma vez que a compra da nova sede havia sido efetuada. Começaria então a reforma do imóvel.

Os registros dos anos seguintes apenas apontam a eleição e posse de novas diretorias, sem mencionar a nova sede. De acordo com João Chiarini, em texto intitulado "Nossa banda" e escrito para "O Diário de Piracicaba", a "União Operária", entre os anos de 1947 e 1950, estaria passando por uma "fase estática" para a "construção de sua sede". Apenas em 1º de maio de 1953, a nova sede da banda é citada novamente no livro-ata da Corporação Musical. Nesse dia, 47º aniversário da "União Operária", realizou-se também uma homenagem póstuma ao diretor João Coletto e a eleição da nova diretoria. João Coletto, pai do atual presidente da banda – João Coletto Filho –, foi uma figura atuante na Corporação Musical desde 1925, como apontam os livros-atas.

Em 12 de dezembro de 1952, Piracicaba foi atingida por um "furioso vendaval". A tempestade causou grandes estragos em toda a cidade, atingindo principalmente a região da Vila Rezende e causando a morte de algumas pessoas. João Coletto era construtor e no momento da tempestade trabalhava com vários operários na finalização do barracão da "Mecânica Martim Petta & Companhia", de propriedade do industrial Martim Petta, localizado na avenida do Areião. O forte vento provocou o destelhamento e a derrubada das paredes do barracão, vitimando assim o industrial e os operários que estavam dentro do prédio naquele momento. João Coletto estava do lado de fora do prédio e, atingido por uma barra de ferro, morreu no local. O prefeito, Samuel de Castro Neves, em consideração às famílias enlutadas, decretou luto municipal no dia 13 de dezembro.

A "União Operária", também em luto por ter perdido seu diretor, buscou homenageá-lo no dia da Corporação Musical. Em 1º de maio de 1953, uma missa foi celebrada na Matriz de Imaculada Conceição, na Vila Rezende. Após a solenidade, a Corporação Musical, a família e amigos visitaram o túmulo no Cemitério da Saudade, onde foi depositada uma coroa de flores em

agradecimento aos anos de trabalho pela banda e como "símbolo da grande estima que todos devotavam a ele". O amigo da família e então orador oficial da "União Operária", o "Reverendíssimo Senhor Cônego José Nardin", disse algumas palavras de conforto. As homenagens prosseguiram na sede social: o músico Luís Ferreira Grosso agradeceu a presença de todos e pediu que o padre Nardin dissesse algumas palavras a respeito de João Coletto, enquanto suas filhas menores, Ana e Amália, descobriam o retrato "daquele que tanto amou esta Corporação Musical, como uma parcela de sua vida". O relato do livro-ata termina dizendo que teve início um coquetel com uma grande salva de palmas a João Coletto.

Nesse mesmo ano – 1953 –, também em sinal de luto, a "União Operária" deixou de realizar seu tradicional almoço de 1º de maio. Desde aproximadamente a década de 1930, como mostram os livros-atas, a banda realizava nessa data um almoço no "Bar e Restaurante Papini", reunindo a diretoria, músicos e admiradores da Corporação Musical na comemoração de seu aniversário.

O "Bar e Restaurante Papini", localizado na avenida Rui Barbosa, número 490, pertencia a Ernesto Papini e sua esposa, Luíza Zílio Papini, mais conhecida como "Gigeta", responsável pela típica comida italiana do local. Ponto de grandes festas recheadas de cantorias, foi um dos primeiros restaurantes na cidade a ter música ao vivo quase todas as noites, contando inclusive com a participação da "União Operária". O próprio Papini tocava violão e bandolim. Passaram por ali músicos como Erothildes de Campos, que tocava flauta, e Antônio Vitório Cobra, mais conhecido como Cobrinha, grande cantor de serestas<sup>2</sup>.

Em 12 de julho de 1953, a diretoria da Corporação Musical convocou uma reunião para a organização de suas contas. Na apresentação dos números o então maestro Oswaldo Petermann declarou que a "União Operária" era devedora de aproximadamente Cr\$ 5.336,90 para os herdeiros de João Coletto. A dívida havia sido feita na reforma realizada no prédio da sede, assim como em "contribuições para a compra de instrumentos musicais".

Entre as propostas apresentadas pelos presentes para saldar a dívida com a família Coletto, estava o aluguel de uma sala para ensaios da "Orquestra Piracicabana", proposta que foi aceita. Já o registro de 17 de março de 1954 indica que a dívida com a família Coletto, por motivo da compra de instrumentos, era de Cr\$ 14.000,00 (quatorze mil cruzeiros). E, finalmente em 18 de agosto do mesmo ano, as atas registram que a Corporação Musical já

<sup>2</sup> Fontes: Elias Netto, Cecílio. Memorial de Piracicaba século XX. Almanaque 2000. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e Jornal de Piracicaba, 2000, p.209-211 e reportagem de autoria de Celiana Perina, do "Jornal de Piracicaba" de 28 de novembro de 2004.

havia "arrumado a importância para a cobertura do crédito do sr. João Coletto". O pagamento já havia sido feito aos herdeiros, entre eles Mário Coletto, que após a morte do pai assumiu o cargo de diretor da banda.

A sede da "União Operária" passou por uma grande reforma entre os anos de 1962 e 1963 e recebeu o nome de João Coletto, uma homenagem ao diretor que dedicou grande amor à Corporação Musical.

\* \* \*

### 1º DE MAIO DE 1956 – OS 50 ANOS DA "UNIÃO OPERÁRIA"

As comemorações do cinquentenário da Corporação Musical "União Operária" começaram a ser organizadas já em março de 1956, data em que uma reunião foi realizada para discutir as festividades de seu aniversário. Entre as providências apresentadas, estava a solicitação de uma página dos jornais locais no período para contar a história da "União Operária". Infelizmente o "Jornal de Piracicaba" de maio de 1956 se perdeu. Já "O Diário de Piracicaba" apresentou na reportagem de Luiz Leandro, já citada anteriormente, uma bela entrevista com três fundadores da banda: Martinho Fischer Neto, Victor Guerrini e Augusto José Pereira.

A confecção de uma placa comemorativa aos 50 anos da banda, que posteriormente seria colocada na sede da Corporação Musical, ficou sob responsabilidade de Pedro Segatto. Já o Monsenhor José Nardin, eterno orador da "União Operária", seria convidado, como todos os anos, para celebrar uma missa em ação de graças, realizada no dia 1º de maio na Matriz Imaculada Conceição de Vila Rezende. O almoço do Dia do Trabalho seria então organizado por Mário Coletto, que, além de responsável pela ornamentação do "Restaurante Papini", deveria convidar autoridades locais, bem como os fundadores da "União Operária".

A diretoria dos 50 anos era composta pelas seguintes pessoas: Dovílio Ometto, presidente honorário; Antônio Nardin Neto, presidente; Américo Perissinoto, vice-presidente; Mário Telles, secretário-geral; Antonio Ferragut, 1º secretário; Guilherme Pio, 2º secretário; Antonio Lacerda, 1º tesoureiro; Giocondo Tozatto, 2º tesoureiro; Waldomiro Perissinoto, Mário Coletto e Pedro Segatto, diretores; Luís Ferreira Grosso, procurador; Pedro Giocondo e José Mariano, fiscais; Leandro Guerrini, orador; e finalmente, como maestro, Oswaldo Petermann.

A diretoria da banda estabeleceu então uma programação de comemoração do cinquentenário. No dia 29 de abril do mesmo ano, a banda realizou um concerto de abertura da semana do "Cinquentenário da Praça Imaculada Conceição", em Vila Rezende. De acordo com nota de Luiz Leandro, a banda, "muito aplaudida pela grande multidão que circundava o coreto da praça", executou a marcha "Meio século", de autoria do maestro Oswaldo Petermann, que foi dedicada a todos aqueles que passaram pela "União Operária" em seus primeiros 50 anos de caminhada.

No 1º de maio, a "União Operária" iniciou seu dia com a tradicional alvorada, toques de música ao nascer do dia, às 5 horas da manhã, percorrendo vários pontos da cidade. Às 9 horas, a Corporação Musical, em homenagem póstuma a seus diretores e músicos, dirigiu-se ao Cemitério da Saudade e depositou coroas de flores nos túmulos de João Petermann, Tibúrcio de Oliveira e João Coletto. Já às 10 horas a missa na Matriz de Vila Rezende foi iniciada e às 12 horas se deu início no "Restaurante Papini" o tão esperado almoço, oferecido às "autoridades, amigos e músicos".

Finalmente, às 18 horas, na sede social, foi inaugurada a placa do cinquentenário, muito aplaudida e festejada com uma farta mesa de doces oferecida às famílias dos músicos. As comemorações pelos 50 anos da "União Operária" encerraram-se em 6 de maio com um concerto na Praça da Catedral.

Em 1956 a Corporação Musical "União Operária" contava com 45 músicos: Antonio Galdi, Antonio Lacerda, Antonio Pettermann, Antonio Tomazini, Antonio Z. Ferragut, Armando Barella, Augusto da Silva, Benedito de Almeida Júnior, Carlos Daniel, Fernando de Souza, Fernando Monteiro, Francisco Bunho, Geferson Barbosa, Giocondo Tosatto, Guilherme Pio, Gustavo Paulillo, João de Lima Souza, João Dell'Aringa, José Bento, José Mariano, José Provenzano, José Risso, José Silo, Julio Correia, Lavinio Pompeu, Leonel Capardi, Luiz Correia, Luís Ferreira Grosso, Luiz Ramos, Luiz Tronco, Mario Araújo, Nelson de Souza, Nelson Previtalli, Oswaldo Petermann, Palmiro Torrezan, Páride Barbieri, Paulo de Souza, Pedro Giocondo, Pedro Rodríguez, Sebastião Diniz, Sebastião Pereira, Sebastião Rezende, Sebastião Vieira, Silvio Capardi e Vicente de Souza.

No mesmo ano de 1956, como mostra o livro-ata em registro de 5 de junho, a "União Operária" foi registrada como pessoa jurídica, uma vez que o registro feito em 28 de março de 1926 não estava legalizado, para surpresa da diretoria. Todas as providências foram tomadas para a legalização, pois assim a banda poderia tomar providências, como a reformulação de seus estatutos.

## TIRO DE GUERRA 542

### SERVIÇO PARA HOJE :

Guarda do quartel : atirador n. 13  
— Oswaldo Aguiar.

Boletim n. 2. — Uniforme kaki.

Para conhecimento dos senhores atiradores e devida execução publico o seguinte :

#### *Banda de musica*

Conforme propostas apresentadas á directoria desta sociedade, foram acceitos e são considerados musicos da «Banda de Musica do Tiro 542», os seguintes srs. : Olegario de Barros e Turiblo Fontes de Oliveira, pistons ; Tiburcio de Oliveira, requinta ; Virgínio Pavan, Francisco Sabino, Affonso Maragno, Josué Hugo Blumer, Sebastião Nicolau, Angelo Mauro, José Bueno de Godoy e Antonio Sabino, clarinetas ; Martinho Fischer Neto, bombardino ; Francisco Americo Ferraz, João Del'Aringa, Balduino Casarini e Adão Stipp, trombones ; Antonio Basilio da Silva, saxophone mib. ; Mario Del Nero e Victor Guerrini, baixos mib. ; Firmino Sampaio, praticista ; Aureo de Moraes, bombo ; João Chagas Pereira e Renato Guerrieli, caixa e mais o sr. Hugo Cavallari, como clarineta.

#### *Inscrição para musicos*

Ficam abertas até o proximo dia 25 do corrente mez as listas para preenchimento de propostas aos candidatos a musicos atiradores. As propostas podem ser procuradas com o encarregado sr. Turiblo Fontes de Oliveira, ou na sede do Tiro, das 10 ás 21 horas, nas segundas, quartas e sextas feiras.

#### *Escola de soldado*

Foram incluídas na escola de soldado os seguintes atiradores : Euclydes de Oliveira Cezar, Francisco Stipp, Pedro de Marco, Paulo de Carvalho, Nilo Maffei, Pedro Ferraz, Jair Arruda, Claudio Costa, Frontino Brasil, Benedicto Teixeira e João Baptista de Araujo.

Quartel do Tiro de Guerra 542, em Piracicaba, aos 19 de fevereiro de 1919.

(a.) Alcides de Siqueira  
1.º sargento instructor

Matéria publicada na edição do Jornal de Piracicaba de 21 de janeiro de 1919, anunciando a criação da banda de música do Tiro de Guerra

Acervo IHGP

## 5

A CORPORAÇÃO MUSICAL DO  
TIRO DE GUERRA 542

O "Jornal de Piracicaba" de 27 de dezembro de 1917 noticiou, por meio do dr. Jacob Diehl Neto, então presidente do Tiro de Guerra de Piracicaba, a incorporação desta "Linha de Tiro" ao Tiro de Guerra Brasileiro<sup>1</sup>. A "Linha de Tiro de Piracicaba" passou a ser então o "Tiro de Guerra 542". Alguns dias depois, foi divulgado o local de sua sede, situada na rua do Conselho, número 33. O prédio serviria para reuniões, "exercícios e evoluções de ginástica", como instruções de infantaria e esgrima, sem deixar de lado o estudo da teoria e da moral.

A notícia do início da "instrução aos sócios" do Tiro de Guerra foi comemorada na cidade, uma vez que Piracicaba passou a fazer parte da "vida cívica do País". A fundação de "Linhas de Tiros" era um movimento nacional a fim de renovar a força e vitalidade do Exército brasileiro, chamado de "monumentos de arqueologia" pelo "Jornal de Piracicaba" de 15 de maio de 1917. A preocupação neste período era a defesa nacional, que, segundo os jornais, estava ameaçada pela "Guerra Mundial"<sup>2</sup>. A militarização do povo brasileiro era notícia constante e, em uma tentativa de incentivar a adesão ao "Tiro", os nomes dos novos soldados eram divulgados quase todos os dias nos jornais.

Sendo assim, toda a mocidade estava sujeita ao sorteio militar, e aqueles que "não atendessem ao apelo da Pátria seriam detidos". Mas não apenas os moços solteiros eram encorajados a se preparar para a guerra. Os jornais buscam convencer também "médicos, advogados, comerciantes, professores, funcionários públicos", assim como pais de família. A participação de bandas de música nos eventos do "Tiro 542", de acordo com as notas do "Jornal de

<sup>1</sup> O Tiro de Guerra é uma organização do Exército Brasileiro para treinamento militar de reservistas. O treinamento dos recrutas é realizado diariamente em horário reduzido, permitindo assim que estes levem sua vida civil sem grandes alterações. Ao final do período de treinamento militar, os recrutas recebem o certificado de reservistas de 2ª categoria, ou seja, na categoria de soldados. Em meados de 1917 foram fundadas as chamadas "Linhas de Tiro" no estado de São Paulo.

<sup>2</sup> A Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918.

Piracicaba" dos anos de 1917 e 1918, era comum, no entanto o nome dessas Corporações Musicais dificilmente era revelado. Conforme o livro-ata da Corporação Musical "União Operária" do dia 16 de maio de 1917, a banda teria participado de uma passeata militar em comemoração ao 13 de Maio, dia da libertação dos escravos.

A cidade toda teria ficado "agitada e emocionada" com a passagem do tenente Mario Wanderley, instrutor da então "Linha de Tiro de Piracicaba", seguido por alunos da Escola Agrícola e pelos primeiros soldados, assim como pelas bandas "Militar de Cornetas de São Paulo" e pela "União Operária" – e, como não poderia deixar de ser, pelo povo piracicabano. As normalistas também acompanhavam o cortejo e, segundo o "Jornal de Piracicaba", ofereceram flores ao tenente Wanderley, jogaram pétalas de rosas aos soldados e prometeram a confecção de uma bandeira ao "Tiro de Guerra".

No entanto a "União Operária" não teria cumprido seu dever cívico para a sociedade piracicabana, uma vez que alguns músicos teriam se recusado a participar da manifestação militar. Os livros da Corporação Musical não indicam o motivo da falta dos músicos à manifestação, mas relatam a determinação da diretoria da banda em punir os músicos indisciplinados. Assim, em 18 de maio o "Jornal de Piracicaba" noticia a decisão da banda em suspender os músicos que faltaram à passeata militar sem justificativas por tempo indeterminado. O artigo informa ainda que o ato da Corporação Musical é de grande significação moral para a sociedade.

Em 16 de fevereiro de 1919, em artigo publicado pelo "Jornal de Piracicaba", a diretoria do "Tiro 542", como tentativa de revitalizar o batalhão, que, segundo notas anteriores, estava "abandonado", anuncia a formação da "Corporação Musical do Tiro 542". E no dia 21 apresenta o nome dos chamados músicos-atiradores, pois, além de músicos também participariam do treinamento militar. Entre os músicos-atiradores apresentados alguns faziam parte da Corporação Musical "União Operária". São eles: Tibúrcio de Oliveira, Mario Del Nero, Victor Guerrini, Hugo Cavalari, Balduíno Casarini, Turíbio Fontes de Oliveira, Adão Stipp, João Del'Aringa e Martinho Fischer Neto, um dos fundadores da "União Operária" e que compôs para a "Banda Militar" a "Marcha 542". Outros nomes ligam a banda e o "Tiro 542", como Samuel de Castro Neves, Carlos Wingeter e Jorge Augusto da Silveira, pessoas que faziam parte das diretorias das duas sociedades.

De acordo com a reportagem de Luiz Leandro para o jornal "O Diário de Piracicaba" de 1956, a banda "União Operária" teria sido incorporada ao "Tiro

de Guerra". Entretanto o "Jornal de Piracicaba", assim como a diretoria do "Tiro 542", não noticia a incorporação da banda a este último. Apenas cita a criação de uma nova banda, a "Banda Militar do Tiro 542".

Os livros-atas da Corporação Musical "União Operária" também não registram, entre os anos de 1917 e 1919, nenhum indício de que a banda serviria apenas aos interesses do "Tiro". Somam-se a esse fato os registros das apresentações da Corporação Musical no coreto do Jardim Público, que eram freqüentes. Sendo assim, o que podemos concluir é que a Corporação Musical teria participado de forma ativa na "Banda Militar do Tiro 542", mas não teria deixado de cumprir suas atividades como "União Operária".

Já em 8 de novembro de 1920, o livro-ata da Corporação Musical relata uma situação de crise na banda, pois vários músicos teriam decidido se desligar da "União Operária". Esses, assim como o maestro João Surian, haviam seguido as instruções de Jorge Augusto da Silveira, ex-presidente da banda e então presidente do "Tiro", e firmado um compromisso para tocarem exclusivamente para a "Banda do Tiro de Guerra 542".

Na reunião realizada para decidir o futuro da Corporação Musical, ficou decidido que os músicos e o maestro Surian receberiam um ofício solicitando o posicionamento em relação a esse impasse. Ao que parece, a "União Operária" estava dividida entre os interesses da banda e do "Tiro 542". A reportagem de Luiz Leandro, já citada, relata que os músicos da Corporação Musical não estariam contentes com a posição de músicos-atiradores, já que tinham que participar dos exercícios militares.

O registro do dia 9 de novembro de 1920, no livro-ata da Corporação Musical, apresenta um ofício da diretoria do "Tiro 542", cujo conteúdo trata de uma intimação à "União Operária" para a resolução amigável da situação de crise gerada entre as duas sociedades, por motivo do desligamento de diversos músicos. O documento ainda pede à banda que devolva o uniforme militar que seus membros usavam quando serviam ao "Tiro de Guerra", pois, por causa do mau comportamento de vários músicos que se recusavam a freqüentar as instruções militares, o fardamento seria utilizado pela recém-criada banda exclusiva do "Tiro 542". Sendo assim, a banda "União Operária" resolveu o problema com o "542" e atendeu ao pedido de sua diretoria, devolvendo o referido fardamento.

No entanto o maestro João Surian, que atendia às duas bandas, começou a faltar aos ensaios da "União Operária". O maestro, então questionado pela diretoria da Corporação Musical, afirmou que havia firmado um compromisso



com a banda militar, que precisava da quantia paga por ela para o sustento de sua família, e pediu um prazo de oito dias para resolver se deixaria ou não a "União Operária". Sem alternativas, já que precisava da quantia que a banda militar lhe pagava, João Surian deixou a Corporação Musical "União Operária", lamentando sinceramente seu afastamento. Em seu lugar a diretoria da banda contratou o maestro João Petermann, que assumiu a Corporação Musical em janeiro de 1921.

\* \* \*

### O CONCURSO DE 1950

Em 8 de fevereiro de 1950, realizou-se na cidade de São Paulo o "Concurso de Bandas do Interior do Estado de São Paulo". O evento foi realizado no Teatro Municipal da capital e tinha o intuito de selecionar a melhor banda do Estado. Segundo nota divulgada pelo jornal "O Diário de Piracicaba", 28 bandas de diversas cidades do interior haviam sido inscritas, entre elas, a Corporação Musical "União Operária" como única representante piracicabana.

A "União Operária", regida pelo maestro Carlos Brasiliense, abriu o concurso com a "Sinfonia do Guarani"; em seguida executou uma composição de Verdi. Entre os 45 integrantes da Corporação Musical, João Chiarini destaca, em artigo apaixonado sobre a banda, o músico Olênio Veiga. Segundo ele, Veiga seria a "figura musical" de maior destaque na cidade no período, uma vez que era instrumentista, pianista, pistonista, violinista e saxofonista, além de compositor e musicógrafo.

A banda "Gomes Puccini", da cidade de Jaboticabal, de acordo com Chiarini, apresentou-se com belo uniforme e a maior torcida presente. Entre seus 40 músicos, estavam representantes dos melhores músicos de jazz do interior. Já a "Mascagni", outra banda de Jaboticabal, contava com 37 músicos. Chiarini comenta que a banda encantou a todos pela harmoniosa maneira com que se apresentou.

A comissão julgadora era composta pelos maestros Zacarias Autuori, Ítalo Izzo, Antonio Bento da Cunha, Savino de Benedictis e Sixto Macchetti. A grande vencedora do concurso foi a banda "Gomes Puccini". O 2º lugar ficou com a "Mascagni" e o 3º com a banda de Sorocaba "Carlos Gomes", que contava com 50 músicos. E finalmente o 4º e último lugar ficou com a piracicabana "União Operária", que recebeu um troféu, uma representação de Carlos Gomes.

Infelizmente são poucos os relatos a respeito da participação da Corporação Musical no concurso. Os livros-atas não registram a viagem a São Paulo. Luiz Leandro, em reportagem de 1956, relata de forma breve o concurso de 1950 e demonstra certo ressentimento em relação ao "honroso 4º lugar da banda", deixando claro que a vitória da banda foi tão somente por representar Piracicaba em São Paulo.

João Chiarini, em artigo intitulado "Nossa Banda", publicado na edição de "O Diário de Piracicaba" de 21 de fevereiro de 1950, escreve apaixonadamente sobre a banda piracicabana, exaltando suas qualidades e criticando severamente as outras participantes, bem como os jurados. O texto revela um grande carinho e respeito pela Corporação Musical, que teria sido prejudicada no concurso, uma vez que "passou por uma fase estática", causada pela "grande luta para a construção de sua sede própria". Para ele, assim como para Luiz Leandro, "levar a banda ao povo" que há pouco havia saído do "marginalismo" era o grande prêmio para a "União Operária".

## NOSSA BANDA

JOÃO CHIARINI

Somos dos que veem acompanhando e até mesmo sentindo a lenta reestruturação da Corporação Musical «União Operária». Faz anos que ela não mais participa do nosso improvisado, má e porque não péssimo coreto. Tivemos um que impressionava muita gente. Construção octogonal, com uma ferraria com muitos desenhos. Furnituras copiosas, Cupula normanda. Um catavento na ponta. Era na sua base depósito dos instrumentos de Jardinocultura e Jardinagem. O Pipa, que foi jardineiro, guarda e general do Jardim Público central tinha um clume tremendo de tal coreto. O Pina ar-

cicabano, como os nossos, não estiveram atóptos, Juzilantes nas mãos de Carlos Brastionso, que dirigiu a «Sinfonia» e «Oberto — Conde do São Bonifácio, de Verdi?

Não tomos o ponto de vista da comissão julgadora, que foi composta dos maestros Zaccarias Autuori (safadíssimo!), Italo Izzo (honesto), Antônio Bento da Cunha, Savino de Benedictis e Sixto Macchetti (fracos). Não. Porque a nosso ver e sentir a «Mascagnis», do Jaboticabal, que obteve o 2.º prêmio é quem deveria vencer. Entretanto, a «Gomes - Puccini» (1.º prêmio), executada por elementos do famoso

Artigo de João Chiarini comentando a participação da União Operária no Concurso de Bandas de 1950. O Diário de Piracicaba, edição de 21 de fevereiro de 1950, acervo IHGP



Apresentação da Banda União  
Operária durante festival musical na  
cidade de Barcelona, Espanha,  
no ano de 1968

IdílioFiletti/Acervo Banda U.O.P.

O PASSAR DA BANDA

6

A GLÓRIA EM  
BARCELONA

---



2.º CADERNO

# O DIÁRIO

PIRACICABA — QUARTA-FEIRA, 2 DE OUTUBRO DE 1968

ANO XXXIV + Nº 62 + NOVA FASE

## Barcelona parou para sambar!

REPORTAGEM DE GERALDO NUNES  
FOTOS DE NELSON L. DA SILVA



No flagrante, o presidente administrativo da IBERIA e o sr. Luiz Grosso, quando mostravam à reportagem, um dos troféus que a Banda União Operária trouxe de Barcelona e que ganhou no VII Festival Internacional de Bandas.

Dentro de sua modestia, contendo com a cor verde e escuridão da administração da Av. Laboração de elementos simples, mas dedicadas, a reportagem de Vitoriano para entrar na pista da sua Corporação Musical União Operária, dada a data, ou, ouvia as palavras do sr. Luiz Grosso, que lá de sua fundação vem prestado à nossa cidade for cediendo a delegação: «Fizemos uma boa viagem levando serviços, almejando as solidariedades de recebemos um ótimo tratamento e tivemos uma viagem, exibindo em festas promovidas pela Municipalidade recepção. Partimos dia 23 última e chegamos a acompanhando paradas».

Considerando a simplicidade de nossa corporação a banda foi dividida em duas turmas. A minha turma musical, que é simples, mas de se apreciar, mas fez escala em São Paulo, no Rio de Janeiro, Viar, mas que é grande ao entrar uma música, pois nasceu a Madrid, seguido depois para Barcelona, porém, eu quase ninguém, poderia imaginar que ela A outra turma fez escala no Rio, Lisboa, Madrid, passou um dia de representar nossa cidade, nomeo Barcelona. Chegamos na cidade de Barcelona e tudo e nosso país, num festival internacional de bandas período da tarde e fomos recebidos por elementos das. Mas o fato aconteceu. Tendo conhecimento da Prefeitura que nos disponibilizaram toda a assistência da nossa Corporação Musical, de suas no. Durante a noite fizemos e nossa primeira apresentação, a Prefeitura Municipal de ação, que terminou às 2h da madrugada, já obed Barcelona (Espanha) convidou-a para participar do cendo o programa do festival. No dia seguinte, o VII Festival Internacional de Bandas. O convite, e a banda, à tarde e à noite, cumprimos o programa não só poderia deixar de ser, foi recebido com alegria pela nossa música. Pois além de oferecer a grande oportunidade de conhecer terras europeias, bem em Valência, Gataurota e na capital do país permitia também que a nossa banda colaborasse para o desenvolvimento de nossas atividades culturais e de divulgação de nossa música pelo exterior.

Os preparativos tiveram início. A luta, o trabalho é que encontramos bandas de grande categoria, da Itália, Suíça, Holanda etc. Pelo que se poração, contando com a boa vontade de alguns países, com o apoio da Prefeitura Municipal, dominando a amizade. Tivemos oportunidade de da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, apresentarmos o nosso samba, as nossas marchas, da IBERIA, e do próprio povo sulcavocinas, tudo modo que foi um festival muito bonito e que saiu bem, e a Corporação Musical União Operária tom a presença do povo. Mais de 15 mil e seguiu para a Espanha. Sua apresentação foi muito bem aceita e nos assistiram à nossa apresentação, dentro a música brasileira não uma vez divulgada.

### A CHEGADA

A fim de registrar a chegada da «Banda» no aeroporto internacional de Viracopos, O DIÁRIO enviou uma reportagem especial para esse festival. Todas as partes principais, e assistiu a presença do sr. Prefeito Municipal nos apresentamos firmes, um coroado! Encargado e de alguns familiares que lá compareceram das as apresentações estava também presente para receberem os nossos músicos.

As 10h35 o Jato da IBERIA pousou no aeroporto. No momento era de expectativa. No momento gente era transportada de ônibus para um local, que cerca as dependências do aeroporto uma faixa de tanos fazer uma apresentação, e o guarda, tremulava. Nela lição a seguinte frase: «Piracicaba estava dirigindo o trânsito num palanque especial da Corporação Musical União Operária». Ao ao ouvir o nosso samba, começou a sambar!

Logo da faixa postavam-se os familiares que não esperavam no semblante a felicidade que viviam em seus corações, quando a porta do jato foi aberta e o samba muito. Eles falaram em samba, mas em suas músicas um a um foram decendo. Abrança, por com apenas a nossa música através de jornais e rios e lágrimas marcaram a chegada dos nossos viajantes. Finalizando sua entrevista, muito embora a música. Foi um ótimo momento alegre e ao mesmo tempo emocionante.

### A VIAGEM E O FESTIVAL

Nosso desejo era ouvir a palavra de todos os componentes da Corporação Musical, mas infelizmente isso não era possível.

Logo após pisarem a terra firme, nossa reportagem pôde adiantar que foram a «Banda» e a «Prax



Carregando o Pavilhão Nacional e os troféus que ganharam na Espanha os músicos da «Banda» desembarcaram em Viacopos.



Mestre Petterman e o troféu de honra



Em Barcelona, no Ginásio Municipal de Esportes a Corporação Operária quando se apresentava diante do público formado por 15 mil pessoas aproximadamente.

**A**ntes de chegar à Espanha, a banda "União Operária" travou uma grande luta para conseguir o dinheiro necessário a fim de participar do "VII Festival Internacional de Bandas de Barcelona". Estevan Bassol, delegado da prefeitura de Barcelona, enviou o convite do festival, realizado de 21 a 25 de setembro de 1968, à "União Operária". E com ele também foi enviada uma mensagem de saudação a todos os piracicabanos, manifestando o desejo de um intercâmbio cultural entre a Espanha e o Brasil.

De acordo com artigo do jornal "O Diário de Piracicaba", o "Festival Internacional de Bandas de Barcelona" atraía "a atenção geral do povo espanhol", uma vez que os melhores "conjuntos bandísticos" dos mais variados países eram convidados a participar da festa espanhola. O festival, também chamado de "Festival de Mercês", era promovido pela "Casa da Galícia" com o intuito de celebrar o aniversário da cidade, bem como o dia de sua padroeira, "Nossa Senhora das Mercês".

Assim, nas festividades de 7 de setembro de 1968, a cidade assistiu, no Ginásio Municipal, a uma apresentação, até então inédita que procurava "mostrar a Espanha de hoje aos piracicabanos". O festival folclórico, de certa forma, serviu para a realização de um intercâmbio cultural, pois Piracicaba conheceria a cultura espanhola e mais tarde a "União Operária" mostraria aos espanhóis a música nacional. A apresentação contou com um grupo folclórico da Missão Católica Espanhola, que tinha sede na cidade de São Paulo, dirigido por Padre José e composto por 45 pessoas, e com o Instituto Regional Valenciano, que contava com cerca de 80 pessoas. Esses dois grupos mostraram a Piracicaba músicas típicas, bailados de diversas regiões da Espanha, assim como seus trajes típicos. A festa hispânica contou ainda com a presença de autoridades locais, como o prefeito Nélio Ferraz de Arruda, o vereador José Alcarde Correa e Legardeth Consolmagno, representante do Departamento Municipal de Cultura, e espanholas, como o ministro Pena de Camus e o cônsul da Espanha, Carlos Westendorp y Cabeza, além de muitos jornalistas e o Canal 5, que televisionou a apresentação.

A "União Operária" também se apresentou e, como relata o "Jornal de Piracicaba", foi muito aplaudida. Segundo o jornal, após a execução do hino da Espanha, Dom Carlos Cabeza atravessou o ginásio emocionado e cumprimentou Luís Ferreira Grosso, então presidente da banda, Telmo Otero, diretor, o maestro Osvaldo Petermann e Newton Luz, coordenador da viagem da Corporação Musical.

A "União Operária", única representante da América Latina convidada para participar do festival, não possuía os recursos necessários para a viagem à Espanha. A Corporação Musical e seus colaboradores se esforçaram para conseguir o dinheiro, enviando ofícios que pediam a colaboração do Governo do Estado. A Prefeitura de Piracicaba já havia contribuído com 15 milhões de cruzeiros e não dispunha de mais dinheiro para ajudar a Corporação Musical.

A população piracicabana também foi convocada a ajudar a "União Operária". Com a colaboração do comércio, foi instituído o concurso "Viagem à Espanha", cujo premiado ganharia uma passagem que daria o direito de viajar, com todas as despesas pagas, com a comitiva da banda. Uma rifa de um Fusca também começou a ser vendida, graças a Mário Dedini, grande amante e colaborador da "União Operária", que doou à banda cerca de 10 milhões para a compra do carro. Infelizmente, de acordo com o então maestro, Antonio Petermann, a banda não conseguiu vender números necessários para sequer quitar o veículo, que, novamente com a ajuda de Mário Dedini, foi devolvido à Volkswagen.

As colaborações vinham de todas as direções. Em 14 de setembro o "Jornal de Piracicaba" noticiou que o Humberto D'Abronzo, diretor da empresa D'Abronzo S.A., sediada em Piracicaba e produtora da famosa Caninha Tatuzinho, doou a importância de mil cruzeiros novos – o equivalente então a um milhão de cruzeiros velhos –, para que a banda representasse o Brasil na Europa. Na mesma data ocorreu o sorteio público do concurso "Viagem à Espanha". O cupom sorteado foi o de número 18.064. No entanto o ganhador não havia se manifestado.

Ainda nesse mesmo dia, o "Jornal de Piracicaba" noticiou a festa de despedida da banda, que partiria para o "Festival de Barcelona" já no dia 20. A festa contou com o desfile das escolas de samba de Piracicaba e da escola "Unidos do Peruche", de São Paulo, que também desfilou pelas ruas da cidade. A população piracicabana pôde se despedir da "sua banda" com "bailes carnavalescos" animados pela "União Operária", no Ginásio Municipal e no Clube Coronel Barbosa.

Um imprevisto de última hora, porém, colocou novos impecilhos financeiros à ida da banda para a Espanha. O Governo do Estado de São Paulo havia prometido 40 mil cruzeiros novos dos 90 mil estimados para que a banda pudesse viajar. Nas vésperas da viagem o governador do Estado, Abreu Sodré, por meio da Secretaria de Turismo, anunciou a liberação de apenas parte da verba prometida, cerca de 10 milhões de cruzeiros.

As passagens já estavam reservadas para o dia 20 de setembro, às 21 horas no aeroporto de Congonhas. A banda sairia de Piracicaba às 13 horas, pois ainda faria uma apresentação na cidade de São Paulo como despedida do Brasil. Novamente a banda foi socorrida por seu maior colaborador, Mário Dedini, que assumiu a responsabilidade pelo pagamento das passagens dos músicos, num total de 63 milhões de cruzeiros.

A banda partiu para a Espanha às pressas no dia 22 de setembro, embarcando às 15 horas no aeroporto de Viracopos. O festival já havia começado no dia anterior. Os membros da banda se dividiram em dois grupos, cujos vôos fizeram várias escalas. De acordo com Luís Ferreira Grosso, então presidente da banda, um dos grupos fez escala no Rio de Janeiro, Peru, Lisboa e Madri, finalmente chegando a Barcelona. Já a outra turma passou pelo Rio de Janeiro, Venezuela e Madri, seguindo após para Barcelona.

A "União Operária" chegou à Espanha no dia 23 de setembro e no mesmo dia participou de sua primeira apresentação, já seguindo o cronograma do festival. Segundo Luís Ferreira Grosso, a banda tocou até 2 horas da madrugada. No dia seguinte a banda apresentou-se em um Ginásio Municipal de Esportes e, conforme o "O Diário de Piracicaba", foi "aplaudida de pé pelo público". No encerramento do festival, dia 25, as bandas participantes do Festival, muito festejadas pelo público, se apresentaram em praça pública. O Festival de Barcelona não tinha classificação, todas as bandas participantes ganhavam troféus. Ainda de acordo com o jornal, uma rede de televisão transmitiu a festa para toda a Europa. "O Diário de Piracicaba" noticiou que a "União Operária" recebeu especiais homenagens do "Agregado Laboral da Espanha", um sindicato que representa oficialmente os trabalhadores espanhóis. Apesar do encerramento do "Festival Internacional de Bandas de Barcelona", a Corporação Musical, atendendo a convites, fez ainda uma excursão pela Espanha "para divulgar da melhor maneira possível a música brasileira".

O grupo passou pela cidade de Saragoça, que fica a 500 km de Barcelona, no dia 26. E nos dias 28 e 29 de setembro, apresentou-se na Província de Valência e na cidade de Liria, nesta última participando de um concerto de bandas.

A banda retornou ao Brasil na manhã do dia 1º de outubro, às 10h30, sendo os músicos recebidos no aeroporto de Viracopos com "abraços, sorrisos e lágrimas" pela imprensa piracicabana, por familiares, admiradores e pelo prefeito Nélio Ferraz de Arruda. No alambrado do aeroporto foi colocada uma faixa de boas-vindas aos músicos, que dizia: "Piracicaba saúda a Corporação Musical União Operária".



A cidade também recebeu a banda em festa. Os jornais do dia apresentavam anúncios de empresas parabenizando a Corporação Musical. Entre eles estavam os da Metalúrgica Dedini, Mause, Tatuquinho, Codistil e Santin.

No mesmo dia em que retornou a Piracicaba, a "União Operária" presenteou seu patrono, Mário Dedini, com a estatueta de um "pequeno touro miúra", tocando ainda o dobrado feito em sua homenagem, "O Grande Oficial Mário Dedini", de autoria do maestro Osvaldo Petermann.

Ao ser entrevistado pelo jornal "O Diário de Piracicaba" sobre a importância da participação da "União Operária" no festival de Barcelona, Luís Ferreira Grosso, então presidente da banda, afirmou:

"O importante desse festival é que encontramos bandas de grande categoria da Itália, Suíça, Holanda... pelo que notei houve um perfeito entrosamento entre todos, predominando a amizade. Tivemos a oportunidade de apresentarmos o nosso samba, as nossas marchas, de modo que foi um festival muito bonito, e que contou com a presença do povo. Mais de 15 mil pessoas assistiram à nossa apresentação, dentro da maior ordem e sempre aplaudindo. Por todos os lugares em que nos apresentamos, fizemos um carnaval! Em todas as ocasiões estava presente o samba. As músicas que fizeram mais sucesso foram "A Banda" e "A Praça". Houve até um fato muito interessante. Nossa gente era transportada de ônibus para o local onde íamos fazer uma apresentação, e o guarda, que estava dirigindo o trânsito num palanque especial, ao ouvir o nosso samba começou a sambar!"

Luís Ferreira Grosso disse ainda na entrevista que a "música brasileira não é muito conhecida do povo espanhol, eles falam em samba, mas conhecem a nossa música apenas por revistas e jornais". E finalizando a entrevista "o importante da viagem à Espanha foi projetar o nome do Brasil divulgando sua música".

\* \* \*

## MEMÓRIAS

Texto de João Chiarini, publicado no Jornal de Piracicaba de 2 de outubro de 1968

*"Escrevi algumas vezes sobre a Corporação Musical "União Operária". Às vésperas de todos os 1º de maio, recebo amável e carinhoso convite de Joel Fogaça, para participar de seu almoço comemorativo de fundação. Morei 33 anos a menos de 50 metros dela. Ouvi-a e escutei-a em seus ensaios, todas as sextas-feiras.*

*Assisti às saídas e chegadas de ônibus, que apanhavam e deixavam os seus músicos, que descarregavam os instrumentos, pois tinham comparecido às outras urbes, ou às solenidades locais, quando as apresentações eram distantes.*

*Por anos a fio vi o Pedrinho – pistonista – descer com o não-vidente "Zinho" Pinazza – acordeonista, pianista, organista, que ouvia os ensaios. Outras vezes ambos faziam para o próprio conjunto musical do qual eram os responsáveis. Conheci a Banda "União Operária", assim era o seu nome anterior, ensaiando no prédio velho, onde é hoje o palácio do prefeito.*

*O regente era o maestro João Petermann, cuja rua que leva o seu nome foi denominação minha. Mas no Coreto do Jardim Público, ouvi-a sob a regência de Raphael Pero (dr.) e Carlos Brasiliense Pinto. Em 1968 a Corporação se propusera ir a Espanha. Havia uma "rifa" de uma "VW". Não dera nem 5 mil cruzeiros.*

*O prefeito Nélio Ferraz de Arruda conseguira dos cofres municipais 16 mil cruzeiros. Lembro-me de que era uma sexta-feira e, se me não deslizo, o dia era 16 de outubro.*

*De madrugada procurei Mário Dedini, que estava acordado e lia um livro – "A Cortina de Bambu" –, de autoria de um médico, seu amigo. Coloquei-lhe o impasse da Corporação. Ouviu-me fidalgamente. Pediu-me para localizar o Nelson Torres. Encontrei-o no boliche do Décio e do falecido Pedro Fúlvio Morganti.*

*Conversaram. Nelson ofereceu-lhe os planos. Aceitou-os prontamente. Deu-lhe um cheque do antigo "Banco Sulamericano". Mas eram precisos ainda mais 12 mil cruzeiros. Busquei Leopoldo Dedini. Ouvia música, cujos sons vinham de um aparelho embutido num armário camuflado. Já veio com o talão de cheques. Fui eu quem o preencheu.*

*Mário Dedini não tinha a importância suficiente nesse banco para pagar uma cinquentena de pessoas, que desfilariam na Espanha. E sabia que Leopoldo era correntista da aludida agência. Sei que Nelson Torres, no final da madrugada, já tinha feito três ou quatro bancários "pularem" da cama.*

*Recordo-me de que Mário Dedini me pediu para fazer uma ligação para Laudo Natel, que substituiria Adhemar, que fora cassado em 6 de junho de 1966.*

*Falou-lhe de sua sala. O "DEI" fora aberto no sábado, para a feita dos passaportes. Houve só um problema: a Corporação seguiu em dois vôos: um pelo Peru, outro pela Venezuela, mas encontraram-se em Barcelona.*

*O sogro do Idálio Filletti, alguns dias depois da ida, veio devolver uma importância que Mário Dedini lhe dera. Outro músico que não pôde ir (por ordem médica) foi o tocador de flautim ou piccolo. O restante foi. E até o porta-bandeira.*

*Mário Dedini gastara em outubro de 1968 cerca de 186 mil cruzeiros. Pois é: e querem decapitá-lo da Praça, que é do povo, mas também dos Monumentos e Hermas!!!*



Registros da passagem da União Operária pela Espanha, no ano de 1968  
IdálioFilletti/Acervo Banda U.O.P.



Foto antes do embarque para o Brasil

Idálio Filetti/Acervo Banda U.O.P.



Apresentação da União Operária na cidade de Barcelona

Idálio Filetti/Acervo Banda U.O.P.



O empresário e comendador  
Mário Dedini  
Acervo IHGP

## MÁRIO DEDINI: O GRANDE MECENAS

---

**A** Corporação Musical "União Operária" teve como um de seus maiores incentivadores e colaboradores o empresário e comendador Mário Dedini. Querido e muito admirado enquanto em vida, ele é hoje lembrado principalmente como o empreendedor visionário, que lançou as bases e estabeleceu o complexo industrial de açúcar e álcool que transformou a economia de Piracicaba e fez da cidade uma referência mundial nesse setor. Suas obras filantrópicas, humanitárias e culturais também foram inúmeras e têm continuidade até hoje com seus herdeiros.

Nascido em 23 de setembro de 1893, na cidade de Lendinara, na Itália, local em que aprendeu o ofício de mestre-mecânico nas usinas de açúcar da província de Rovigo, Mário Dedini chegou ao Brasil por volta de 1913 e logo conseguiu emprego na Usina Santa Bárbara, de propriedade de Adolpho Lourencini, na cidade de mesmo nome.

Já em 1918, mudou-se para Piracicaba, pois sua esposa, Mariana Corrente, morava no bairro da Vila Rezende. Com Mariana, Mário Dedini teve três filhos: Armando, Ada e Nida. Após a morte prematura da primeira esposa, em 1928, casou-se mais duas vezes: com Ottilia Furlan e com Ignês Seghesi, com quem permaneceu até sua morte, em 28 de fevereiro de 1970.

No ano de 1920, Mário e seu irmão Armando Césare compraram a oficina de José Sbravatti, que ficava localizada na avenida Manuel Conceição nº 5, também na Vila Rezende.

A princípio o objetivo dos irmãos Dedini era criar uma réplica da oficina que seu pai tinha em sua terra natal. Mesmo residindo em Piracicaba, Mário Dedini não deixava de trabalhar em Santa Bárbara d'Oeste. Quando a "Oficina

Dedini" já estava em funcionamento, continuava a trabalhar na cidade vizinha, onde chegou ao posto de chefe geral.

A oficina dos Dedinis, que no início consertava e fabricava carroças, charretes e utensílios agrícolas, passou aos poucos a reparar peças de engenhos de açúcar, destilarias de aguardente e equipamentos de usinas. Nos anos de 1930, com o aumento da produção do álcool e açúcar, Mário Dedini, que já não podia contar com seu irmão, pois Armando havia falecido em 1926, assistiu ao fortalecimento de sua humilde oficina, ajudado pelo sobrinho Leopoldo.

A oficina cresceu graças à sua visão privilegiada do cenário nacional. Dedini começou a fabricar máquinas para usinagem em um momento em que eram importadas dos EUA, Alemanha, Inglaterra ou França. Suas peças e a manutenção delas eram mais baratas se comparadas às importadas, e sua proximidade das usinas facilitava a reposição das peças. Já nos anos 40, Mário Dedini aceitava máquinas de usinas usadas como pagamento pela reforma de engenhos, em alguns casos vendia usinas de fabricação própria, e como sócio abria novas empresas.<sup>1</sup>

Ao lado das indústrias Dedini, muitas outras cresceram.

Em um discurso, em 21 de setembro de 1957, por ocasião da "Festa dos Pioneiros", na qual os funcionários que tinham 25 anos ou mais de serviços prestados às indústrias Dedini foram homenageados,<sup>2</sup> Mário Dedini mostrou em números seu crescimento, que, segundo ele, não teria ocorrido sem o trabalho de seus funcionários. Assim, em 1920 a oficina contava com apenas oito empregados, em 1930 já tinha 40, estes eram 150 já no ano de 1935, dez anos mais tarde o número de funcionários era 300, em 1950 os empregados das indústrias Dedini somavam 650 pessoas, 7 anos mais tarde estes eram 1.450, e, finalmente em 1968, ano da publicação destes números no "Jornal de Piracicaba", o Grupo Dedini contava com 3.000 empregados. Segundo dados do livro "Piracicaba Passado e Presente", o Grupo Dedini, no ano de 1988, data em que o livro foi publicado, possuía 24 empresas e contava com cerca de 11.365 funcionários.

"Mário Dedini ficará na história como alguém que ajudou a construir em ferro e aço uma nova nação"<sup>3</sup>, mas também será lembrado como um homem "não alheio aos problemas coletivos". Para João Chiarini, em reportagem para "O Diário de Piracicaba" de 22 de setembro de 1968, o empresário era assim um homem despreocupado com o dinheiro, caso contrário não teria seu nome ligado às "instituições religiosas, beneficentes, culturais, artísticas, recreativas, esportivas, científicas, noticiosas, oficiais..."

<sup>1</sup> S/ autor. Piracicaba Passado e Presente. Piracicaba, Prefeitura de Piracicaba, 1988, p. 27 – 28.

<sup>2</sup> Discurso reproduzido pelo Jornal de Piracicaba em 22 de setembro de 1968 e em de 1º de março de 1970.

<sup>3</sup> Jornal de Piracicaba de 22 de setembro de 1968.

Considerado por muitos como um mecenas das artes piracicabanas, tinha sua casa como a sala de estar de todos os artistas da cidade, ou até mesmo aqueles que vinham do exterior.

João Chiarini, numa tentativa de buscar uma origem "ao grande espírito de solidariedade humana" em Mário Dedini, atribui essa característica à juventude humilde dele. Um fato é lembrado por ele com destaque: segundo Chiarini, o antigo Sanatório da Vila Rezende precisava vender alguns bens para liquidar dívidas e, nessa ocasião, Mário foi procurado para adquirir uma autoclave e uma caldeira antiga pertencentes ao hoje extinto Sanatório. Como não possuía a quantia necessária para a compra, Mário Dedini se comprometeu a buscar alguém que pudesse ajudar a instituição. Sem conseguir encontrar comprador algum, pediu então a amigos que lhe emprestassem o dinheiro necessário e adquiriu assim as duas peças, que passaram a ser o patrimônio de maior valor da então nascente oficina Dedini.

Algum tempo depois foi procurado por médicos da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, que passava por problemas e precisava melhorar suas condições de atendimento. Queriam adquirir a autoclave assim como a caldeira. Mário Dedini, conforme Chiarini, sensibilizado com a situação do hospital, doou as peças.

Para Chiarini, Mário Dedini não buscava reconhecimento pessoal, não queria ganhar medalhas, ver seu nome estampado nos jornais ou abater dos impostos a caridade que fazia. Buscava apenas proporcionar o bem às pessoas, ver prosperar a cidade de seu coração .

Piracicaba procurou retribuir a atenção e o amor dedicados por Mário Dedini, concedendo-lhe, no ano de 1951, em data do aniversário da cidade, o título de "Cidadão Piracicabano". Em setembro de 1961, o industrial recebeu nova homenagem: um monumento, em reconhecimento pelos benefícios gerados para Piracicaba por sua atividade empresarial e beneficente. O monumento encontra-se hoje na Praça da Igreja Matriz da Imaculada Conceição, em Vila Rezende,

A consagração nacional veio em dezembro de 1957, quando o industrial recebeu do Governo Brasileiro, por meio do então ministro Macedo Soares, a "Comenda da Ordem do Cruzeiro do Sul", ganhando assim o título de comendador. Era o reconhecimento público oficial de sua contribuição ao desenvolvimento e progresso do Brasil. Já o título de "Grande Oficial", outra honraria, veio do Governo Italiano, outorgado ao seu "ilustre filho".<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Jornal de Piracicaba de 22 de setembro de 1968.



Entre alguns exemplos de obras de Mário Dedini por Piracicaba, estão a construção da nova Matriz de Vila Rezende, réplica de uma igreja em sua cidade natal, Lendinara; a ajuda permanente à Santa Casa de Misericórdia. O empresário construiu a nova maternidade do hospital com seu próprio dinheiro, tendo como única exigência que tivesse o nome de sua mãe, "Amália Dedini". Ajudou ainda a construir um oratório aos salesianos, doou um terreno para a construção de um ginásio em Vila Rezende, ajudou asilos, escolas, grêmios recreativos, institutos de ciências, artes e sempre dispensou atenção especial para a "banda de música de Piracicaba", a "União Operária".

Mário Dedini foi um apaixonado pela Corporação Musical "União Operária" e nunca deixou de torcer por ela ou socorrê-la quando preciso. De acordo com o músico Luís Ferreira Grosso, presidente da banda no período em que ela viajou à Espanha com a ajuda do Grande Oficial, os membros do grupo musical e Mário Dedini tinham uma relação muito próxima.

Antonio Petermann, irmão de Osvaldo Petermann, um importante maestro da banda, conta que Mário Dedini cobrava os músicos e a direção da "União Operária" de sempre ser informado sobre suas atividades, bem como de suas necessidades. Para o maestro, "a banda era do sr. Mário Dedini. E era como se ele fosse dono da banda tamanho o seu interesse e preocupação para com a Corporação Musical".

Segundo o músico, a casa da família Dedini sempre estava aberta aos membros da banda. Em seu aniversário, comemorado em 23 de setembro, a banda era sempre recebida com grande festa. Petermann conta que se lembra da "grande mesa recheada com comida" que esperava os membros da Corporação Musical em dias festivos. A ajuda, conforme o maestro, não era apenas financeira, uma vez que a banda contava sempre com a participação pessoal do Grande Oficial. Um fato marcante foi a viagem à Espanha, em 1968. A banda viajou apenas após ser socorrida por Mário Dedini. A Corporação Musical procurava, e ainda procura, retribuir todo o carinho de seu eterno patrono por meio da execução, ano após ano, do dobrado "Grande Oficial Mário Dedini", uma homenagem musical de autoria do maestro Osvaldo Petermann.

Piracicaba parou para chorar sua morte em 28 de fevereiro de 1970. Velado na igreja que ajudou a construir em Vila Rezende, foi conduzido pelas ruas da cidade até o Cemitério da Saudade, seguido em cortejo pelo povo e, como não poderia deixar de ser, pela "União Operária", que prestava seu último adeus ao grande patrono. Nesse ano, o tradicional aniversário de 1º de maio da "União

família Dedini, como uma homenagem ao Grande Oficial. Já às 8 horas da manhã, a banda participou do hasteamento das bandeiras brasileira, paulista e piracicabana, tocando os Hinos Nacional, piracicabano e operário. A "União Operária" ganhou pelas mãos do então prefeito, Cássio Paschoal Padovani, medalhas oferecidas pelo Sesi, como um reconhecimento dos serviços prestados em datas cívicas em seus 64 anos.

Uma missa foi rezada em Ação de Graças pelo aniversário da banda e pela alma de Mário Dedini, na catedral de Santo Antônio, às 9 horas da manhã. Em seguida a banda, admiradores, colaboradores e a família de Mário Dedini visitaram seu túmulo no Cemitério da Saudade.

A viagem a Espanha foi lembrada em uma exibição de filmes e slides feita por João Guardiã e Idálio Filetti, no Teatro São José. A banda apresentou-se após a exibição do filme no mesmo teatro, às 20 horas, com transmissão da Rádio Educadora e narração do radialista Rubens Oliveira Bisson. As comemorações do 64º aniversário da "União Operária" terminaram apenas no dia seguinte, sábado, com uma apresentação realizada às 20 horas, na Praça José Bonifácio.



# Marcha Grande Oficial

Ilustração do hino "Grande Oficial", composto pelo maestro  
Osvaldo Petermann em homenagem a Mário Dedini

Acervo IHGP

## 8

# DO LUTO AO CENTENÁRIO

---

O auge da Corporação Musical "União Operária" foi sem dúvida a viagem à Espanha, em 1968. A banda começou a década de 1970 em luto, por causa da morte de seu grande mecenas, Mário Dedini. Nos anos que se seguem, o grupo parece desmotivada, conforme se percebe pelas notas publicadas nos jornais da época, ainda abalado por ter perdido seu grande incentivador.

A viagem à Espanha, no entanto, trouxera prestígio e fama à "União Operária", que se tornara conhecida no País inteiro por ter sido a única banda da América Latina convidada para o Festival Internacional de Barcelona. Os convites para apresentações eram contínuos e o grupo musical prosseguia agora em constante atividade, viajando e apresentando-se em vários municípios do Estado de São Paulo. Nessa época, segundo o maestro Antonio Petermann, a "União Operária" passou por pelo menos 76 cidades, num total de 133 apresentações.

No aniversário de 70 anos da banda, em 1976, a "Festa do Trabalho" passou a ser a "Festa do Trabalhador"<sup>1</sup>, pois o foco das comemorações do 1º de maio enfatizava agora os trabalhadores. Shows, apresentações de teatro, gincanas e competições esportivas faziam parte da "Olimpíada do Trabalhador", um evento que buscava reunir, na "Praça José Bonifácio" e no "Estádio Municipal Barão de Serra Negra", os trabalhadores piracicabanos de diversas áreas e empresas. O compromisso maior da "União Operária" nessa data passou a ser alegrar a festa do trabalhador, e não mais apenas celebrar seu aniversário de fundação. No ano seguinte, 1977, o "Jornal de Piracicaba" noticia que os trabalhadores iriam ganhar da cidade uma grande festa, a "Olimpíada do

---

<sup>1</sup> "Jornal de Piracicaba" de 1º de maio de 1976.

Trabalhador II", que seria realizada novamente no Estádio Municipal. A "União Operária", chamada novamente para celebrar o trabalhador piracicabano, acabou por quebrar a tradição do horário das alvoradas de 1º de maio, uma vez que iria abrir a festa somente às 8h30.

A alvorada voltou ao seu horário tradicional no ano seguinte e, no 1º maio de 1978, Piracicaba acordou novamente ao som da Corporação Musical. Outro destaque noticiado pelo "Jornal de Piracicaba" na mesma data foi o apuro financeiro da banda. Segundo o então presidente da banda, Rubens José Caldari, a falta de recursos era "responsável pela ausência da Corporação Musical nas promoções piracicabanas". Caldari disse ainda que esperava a compreensão de toda a comunidade piracicabana, bem como da Prefeitura, no sentido de ajudar financeiramente a "União Operária". As contribuições seriam necessárias para que a banda pudesse renovar seus instrumentos musicais, assim como seu uniforme.

A falta de instrumentos musicais causava um problema ainda maior, pois muitos músicos "procuram a banda, mas não têm condições de comprar seu próprio instrumento", afirmava Caldari, e por esse motivo não podiam aderir à Corporação Musical e renovar seu corpo de músicos.

O presidente prosseguia sua entrevista, dizendo ao jornal que a banda estava triste por não ter condições de se apresentar com maior frequência para o povo piracicabano. A "União Operária", segundo Caldari, vinha se apresentando "em diversas localidades", entre elas "Barra Bonita, Charqueada e Paranapanema", e em muitas outras cidades já agendadas. A banda somente podia viajar para esses municípios porque as respectivas prefeituras pagavam todas as despesas.

Em 1980, a diretoria da "União Operária", apoiada pelo "Jornal de Piracicaba", iniciou então uma campanha para o aumento do quadro de sócios, uma vez que a banda havia perdido muitos de seus músicos e colaboradores na década de 1970. Dessa campanha dependia "o futuro da nossa União Operária", já que ela precisava da ajuda da comunidade não apenas para renovar seu uniforme, que já estava tão gasto a ponto de alguns músicos utilizarem nas apresentações "suas jaquetas Lee", mas também para ampliar seu quadro de músicos.

Em maio do ano seguinte (1981), a Corporação Musical comemorou seus 75 anos fazendo a seguinte pergunta: "Até quando a "União Operária" continuará existindo?" A banda passava então por sua pior crise financeira. Para o presidente da agremiação, Antonio Petermann, a única solução seria

ampliar o quadro de sócios para pelo menos 500 contribuintes. A crise mudou a tradição do 1º de maio naquele ano, pois a alvorada e o almoço foram trocados por uma apresentação fora de Piracicaba. A banda havia sido contratada para se apresentar em Barra Bonita. A "União Operária" ainda estava em crise em seu aniversário de 80 anos, em 1986.

Mas, em maio do ano seguinte, a banda já apresentava grandes melhoras, graças ao apoio dos piracicabanos e à contribuição da Prefeitura que, segundo o "Jornal de Piracicaba", teriam contribuído para minorar a crise financeira da Corporação. Esse 1º de maio foi comemorado com a tradicional alvorada, que não poderia faltar, e um almoço no Restaurante Mirante.

A comemoração dos 81 anos (em 1987) teve uma homenagem da "União Operária" ao prefeito Adilson Maluf, que recebeu um cartão de prata em agradecimento pela ajuda prestada pela Prefeitura. Já os músicos que não deixaram de comparecer aos ensaios e às apresentações, mesmo nos momentos mais difíceis, também receberam sua homenagem. O almoço contou ainda com a posse da nova diretoria, cujo presidente era Ernani Meneghini.

No entanto o motivo de maior comemoração neste ano de 1987 foi sem dúvida a apresentação da "União Operária", então regida pelo maestro Antonio Petermann, com 32 músicos, no programa "Som Brasil", da Rede Globo, no dia 10 de maio do mesmo ano. A maior dificuldade da agremiação musical, agora que a crise financeira estava praticamente resolvida, era a falta de novos músicos.

A solução para o problema foi encontrada no ano seguinte, 1988, mediante uma espécie de convênio com a Banda da Guarda Mirim de Piracicaba. Em maio a Corporação havia conseguido do Governo do Estado de São Paulo um ônibus usado e um novo uniforme cedido por uma empresa piracicabana. O novo ônibus, após ser reformado, facilitaria as apresentações da banda em outras cidades e até mesmo Estados. A Câmara Municipal ofereceu ainda à banda uma moção de aplauso em reconhecimento público pelos seus 82 anos de dedicação à música em Piracicaba. Nesse ano a banda retomou também suas apresentações pelo País.

No dia 30 de outubro de 1988, a "União Operária" apresentou-se em Curitiba na "Festa do Dia do Comerciarío", viajando a convite da Federação dos Trabalhadores do Estado do Paraná e do Sindicato dos Empregados do Comércio de Curitiba. E, em 7 de maio de 1989, a banda foi novamente convidada para se apresentar na televisão, dessa vez no "Desafio ao Galo", um programa da "Rede Record".

Nos anos seguintes, de 1990 a 1992, a banda, além da celebração tradicional do 1º de maio, foi responsável por abrir a festa dedicada ao trabalhador piracicabano no Engenho Central.

No ano de 1994, a Corporação Musical foi presenteada com a doação de novos uniformes e instrumentos musicais feita pela Fundação Banco do Brasil. A entrega simbólica do "presente" foi feita por representantes da fundação no almoço comemorativo de 1º de maio no salão de festas da Igreja Matriz da Vila Rezende.

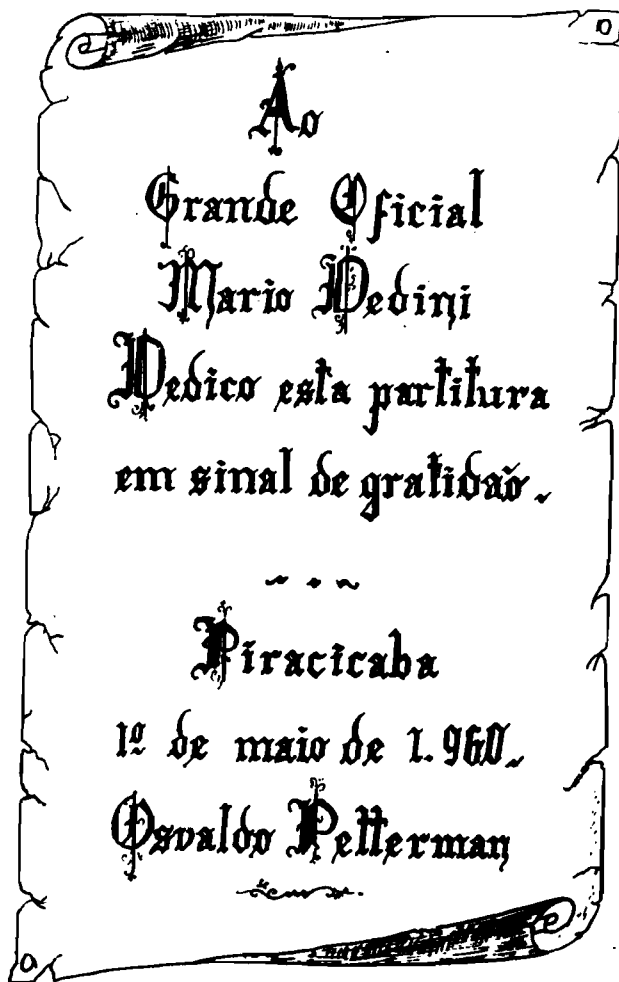
Já o ano de 1996 marca os 90 anos de fundação da "União Operária". Para comemorar a data, o Clube Filatélico e Numismático de Piracicaba lançou um carimbo em homenagem à Corporação Musical, que levaria o nome da banda em todas as correspondências postadas na cidade entre os dias 2 e 7 de maio. Segundo João Coletto Filho, presidente da banda havia seis anos, a "União Operária" "tem uma convivência harmoniosa entre velhos e jovens músicos", ou seja, entre músicos antigos e aqueles provenientes da banda da Guarda Mirim, assim como de muitos grupos evangélicos, que buscam aperfeiçoar seus conhecimentos musicais participando da Corporação.

Coletto disse ainda que os planos de montar uma banda infanto-juvenil, por meio de uma escola de música criada dentro da própria "União Operária", que já contava com cerca de 40 adolescentes, não puderam se concretizar. A escola teve que ser fechada por falta de recursos para pagar aos professores. A banda mais uma vez precisaria da ajuda dos admiradores e do poder público.

Na programação de comemoração dos 90 anos da Corporação Musical, estava o tradicional almoço no salão de festas da Matriz de Vila Rezende, local em que o carimbo comemorativo seria entregue à diretoria da "União Operária". A banda fez então a apresentação de uma "música inédita de Erothildes de Campos", cuja partitura havia sido encontrada nos arquivos da Corporação Musical. A apresentação transformou-se então em uma homenagem ao centenário de morte de Erothildes de Campos.

Em 2000 os problemas financeiros estavam de volta ao dia-a-dia da "União Operária". O grupo contava então com a colaboração do poder público, associados e amigos, mas ainda assim as despesas eram maiores que o caixa arrecadado. A solução apontada pela diretoria da banda seria resgatar o número de sócios, reduzido nos últimos anos. Apesar das dificuldades, a banda mantinha seu "I Curso de Musicalização", chamado também de "Vamos tocar na banda". O curso, ministrado por diversos professores além do maestro Jorge Luís Lopes de Oliveira, contava com alunos de 8 a 80 anos. Neste mesmo ano a banda

ficou em 5º lugar na "Maratona de Bandas do Interior do Estado de São Paulo", que reuniu cerca de 180 grupos musicais.



Dedicatória do maestro Oswaldo Petermann na partitura do hino "Grande Oficial", que compôs em homenagem a Mário Dedini  
Acervo IHGP





Homenagem prestada pela Assembléia Legislativa de São Paulo aos 100 anos da Banda União Operária com a entrega de uma placa comemorativa

Cortesia Assembléia Legislativa de São Paulo

9

## AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO

---

**E**m 1º de maio de 2006, a Corporação Musical "União Operária" comemorou seus 100 anos de história. Como manda a tradição, a banda acordou a cidade com uma alvorada, toques de música ao nascer do dia, que teve início às 6 horas da manhã.

A Corporação Musical partiu de sua sede, na rua Santo Antônio, número 502, passando pela Catedral, pela praça Takaki, pelo Cemitério da Saudade, pelo Mercado Municipal, pela Igreja Bom Jesus e pelo Lar dos Velinhos. O roteiro também contou com passagens pela residência de colaboradores e associados da banda, entre eles o prefeito de Piracicaba, Barjas Negri, e do empresário Mário Dresselt Dedini, neto de Mário Dedini, o grande patrono da banda.

Em frente à residência da família Dedini, a banda tocou a música "Grande Oficial Mário Dedini", de autoria do maestro Osvaldo Petermann, em memória de seu maior admirador e colaborador. Acompanhada por pessoas que passavam pelas ruas e pararam para ouvir a banda, assim como por aqueles que aguardavam a apresentação, a "União Operária" foi muito aplaudida. Várias músicas foram executadas, atendendo a pedidos dos espectadores, entre elas o "Hino da Vitória", composição sempre associada ao piloto Ayrton Senna. A banda tem executado regularmente essa música desde a morte de Senna, em 1º de maio de 1994. Uma placa comemorativa ao centenário foi entregue pela família Dedini ao presidente da banda, João Coletto.

O trajeto da alvorada terminou às 11 horas, na Igreja Imaculada Conceição, local em que músicos, admiradores e colaboradores se reuniram para celebrar uma missa em Ação de Graças pelos 100 anos da agremiação.

Em seguida foi servido um almoço no salão de festas da matriz. A festa contou com músicos, familiares, associados, colaboradores e com as autoridades locais, que buscaram prestar uma homenagem ao centenário da banda. Entre os presentes estavam o prefeito Barjas Negri, o deputado federal Antônio Carlos de Mendes Thame, o deputado estadual Roberto Morais, a diretora do "Jornal de Piracicaba", Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso, e a secretária da Ação Cultural, Rosângela Camolese.

A festa dos 100 anos contou também com a presença do eterno orador da banda, Monsenhor José Nardin, do Monsenhor Jorge Simão Miguel e ainda do Monsenhor Orivaldo Cassini, pároco da Matriz Imaculada Conceição de Vila Rezende.

As comemorações dos 100 anos da Corporação Musical não ficaram restritas ao 1º de maio. A banda também foi homenageada no dia 28 de abril pela Assembléia Legislativa de São Paulo, em cerimônia proposta pelo deputado estadual Roberto Morais. Aproximadamente 80 pessoas, entre músicos, a diretoria da banda e convidados, estiveram presentes no evento. A banda recebeu das mãos do deputado uma placa em reconhecimento pelos 100 anos de atividade musical. Em 2002 a "União Operária" já havia recebido da Assembléia Legislativa o título de utilidade pública estadual, também por intermédio do Roberto Morais.

Muitas outras homenagens e convites para apresentações marcaram o centenário da "União Operária". A Câmara de Vereadores de Piracicaba prestou homenagem ao centenário da banda em sessão solene realizada no dia 6 de maio, por iniciativa do vereador Walter Ferreira da Silva. A banda também viajou a Brasília, entre 28 e 30 de maio, a convite do deputado federal João Herrmann Neto, para participar de uma sessão solene em comemoração ao aniversário da Corporação Musical. Segundo artigo publicado no "Jornal de Piracicaba", Herrmann Neto considera a "União Operária" uma das mais importantes "organizações musicais do País", de inestimável contribuição para a história de Piracicaba. As comemorações contaram ainda com apresentações em vários eventos da cidade: na "Festa das Nações", entre os dias 17 e 22 de maio; na "Festa do Divino", em 15 de julho; no 54º Salão de Belas Artes, no dia 4 de agosto. A Orquestra Filarmônica de Piracicaba, sob a regência da maestrina Cíntia Pinotti, também homenageou a banda com um concerto realizado no Teatro Municipal "Dr. Losso Netto", ao dia 2 de julho.

Entre os membros da diretoria da Corporação Musical centenária, estão João Coletto Filho, presidente; José Roberto Caldari, 1º vice-presidente; Luiz

Henrique Zago, 2º vice-presidente; Antonio Sebastião de Souza, secretário geral; Nelson Corder Junior, 1º secretário; José Francisco de Aquino Saglietti, 2º secretário; Antonio Mário dos Santos, 1º tesoureiro; Amaury Martins, 2º tesoureiro; Leonel Aparecido Antonelli, diretor fiscal; e Monsenhor Jorge Simão Miguel, orador oficial. Compõem o conselho fiscal da banda: Epifânio Gava, José Airton Carmignani, José Antônio Rotta, José Arantes de Carvalho e Antônio Marcos Rodrigues.

Sob o comando do maestro José de Souza Campos, estão os músicos Afonso Augusto de Campos, Alex Fernando Moreira da Silva, Alison Silva, Antonio Marcos Rodrigues, Antônio Thomazine, Argeu Marcos de Souza Bueno, Armando Barella, Augusto César da Silva Vechine, Carlos Spolidorio, Deivid Marcelino, Edson de Souza, Eliseu Félix, Guilherme Gonçalves de Aquino Saglietti, Henrique Antonio, Jaime de Oliveira, João Barros de Andrade, José Antônio Rotta, Wiliam Henrique Delfino, José de Souza Campos Netto, José Franco Bueno, José Renato Manesco, Leandro Lopes, Leandro Rodrigues Camargo, Leonardo Odilon, Leonel Aparecido Antonelli, Lucas Martins, Luís Ferreira Grosso, Marcelo José de Campos, Marcos Costa, Michel Vieira Feitozo, Neide de Souza Ignácio, Paulo Sobral, Rafaela Corrêa, Robson Agostini, Romildo de Souza, Rubens Petrelli e Silvio Capaldi.

# 10

## DEPOIMENTO I

*“Quanto tempo será que a banda ainda vai sobreviver?”*

---

MAESTRO ANTONIO PETERMANN

*T*enho muita história para contar... estava tentando colocar tudo no papel, mas escrever não é fácil. A gente acaba misturando coisas do presente com o passado. São muitas lembranças. Meu pai (João Petermann) participava de várias bandas como maestro, menos a "Capitão Lorena" e a "Luis Dutra". A "União Operária" sempre teve bons maestros... alguns estavam sempre disponíveis em caso de falta, como Martinho Fischer Neto e também o Augusto José Pereira.

*Eu nasci em 1933, meu pai já era maestro da "União Operária", mas em 1929 teve uma grande enchente no rio Piracicaba e meu pai foi para Cosmópolis. Ele era encarregado de construção e eu nasci lá. Acredito que nesse período (entre 1929 e 1933) a banda ficou parada. Meu pai morreu em 1943 e desde então meu irmão Osvaldo assumiu a banda, onde ficou de 43 a 1982, quando morreu.*

*Eu fiquei à frente da banda nessa data, até o ano de 1994. Eu sou baterista e também toco o contrabaixo. Eu comecei a tocar na banda com 9 ou 10 anos de idade, eu cresci lá, morava nos fundos... Cresci na banda, comecei a tocar no fundo da sede, batendo numa caixinha. Ai meu irmão, ensaiando, ouviu o barulho e me arrastou pela orelha! Me chamou para participar dos ensaios, dessa época eu não sei mais da banda. José Lorenzano, que era pratista, se afastou, e José Del'Aringa entrou no lugar dele, antes tocava o bumbo, e assim eu comecei a tocar o bumbo. Eu tocava todo domingo em igrejas e em chácaras. A banda tinha muitos compromissos fora da cidade. Após a viagem da Espanha, ela assumiu muitos compromissos, ficou conhecida. No sábado seguinte (depois da volta da Espanha), tocamos em frente à Catedral. Havia muitos festivais na cidade, umas*

20 e poucas bandas tocavam. Depois da Espanha teve os festivais daqui (de Piracicaba), dois anos, depois não chamava mais festival e sim encontro de bandas. Mas quatro anos depois a Prefeitura cancelou tudo. A União Operária era conhecida no Brasil inteiro, no Rio Grande do Sul tinha músicos que conheciam a gente, mas não dava para viajar para o sul pela falta de dinheiro. Depois da Espanha começamos a viajar. Acredito que, eu anotei, 133 apresentações, acho que umas 76 cidades.

A banda chegou a ensaiar no antigo Teatro Santo Estevão, a sala emprestada pelo então Padre "Meirelhes" tinha cheiro de açúcar, era um depósito de açúcar. O Padre "Meirelhes" cedeu o espaço. Meu irmão e a diretoria da época começaram a trabalhar para comprar um terreno .

Mário Dedini era dono da banda, ele falava "minha banda". Ele e o Virgilino de Oliveira, dono da Usina Nossa Senhora Aparecida, ajudaram na nova sede. A banda foi várias vezes na Usina tocar para ele. Quando comprou o Engenho Central, doou os tijolos para a reforma do nosso prédio.

Mário Dedini, Dovílio Ometto e o Leopoldo nunca passaram por cima da gente. Mário Dedini queria saber tudo o que se passava com a banda, chamava a gente na casa dele. O Gustavo Paulillo, que era músico da banda, também era barbeiro e cortava seu cabelo. Queria saber de tudo, e dava orientação, mas a diretoria é que mandava. Mário Dedini gostava de fato da banda. Um dia um radialista daqui falou qualquer coisa a respeito da banda e o Mário Dedini o repreendeu. O radialista acabou deixando o emprego, foi embora da cidade. Mário Dedini estava sempre presente.

Era uma pessoa que gostava de saber os assuntos da banda. Os instrumentos musicais da banda ele falava: "Vai lá em São Paulo e veja o preço". Só tenho que falar bem dele. Meu irmão fez até um a música em sua homenagem, "O Grande Oficial Mário Dedini", mas não lembro a data. Acho que ele começou a gostar da banda ainda quando tinha a pequena oficina no fim da Vila, lá em baixo da caixa-d'água. A banda passava em frente à oficina nas procissões. A família Dedini continua trabalhando pela banda ... No concurso de 1950, em São Paulo, a gente pegou o 4º lugar mas só tinha quatro bandas! A gente ficou feliz por participar, mas um pouco revoltado também... acho que foi manobra dos jurados. Nós fomos convidados. As duas bandas de Jaboticabal pegaram os primeiros lugares, mas

*não tocaram bem, não. As bandas não podem usar outros tipos de instrumentos, como bater os pés no chão, por exemplo, a música tinha que ser tocada e não pode fazer nada de percussão fora das regras. Foi armação. A cidade na época não tinha estrutura para ter duas bandas com cerca de 50 músicos cada uma, era uma cidade pequena. Acho que vieram da escola da Aeronáutica. Acho que os jurados fizeram vista grossa para essas regras... tinha jurado de lá (de Jaboticabal), não tinha como! Estou puxando a sardinha é verdade!*

*Sobre a apresentação na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, em 1961, lembro e lembro com medo! Era um tempo difícil. A gente chegou ao Rio e foi para Niterói, atravessamos de barco. Lá ficamos no Campo do Esporte Clube de Niterói. Vimos a seleção brasileira de basquete com jogadoras nossas (de Piracicaba). Chegamos à noite e o programa começava às 7 horas na cidade. Ficamos com medo de ir de uniforme, que mais parecia uma farda do exército, pois a polícia e o exército estavam com metralhadoras nas ruas... a gente não queria confusão, não! Entramos na rádio, trocamos de roupas e aí fomos para a entrada tocar. Depois nos apresentamos. Nosso uniforme era militar no duro. Sair na rua era muito perigoso, não queria ser preso. Fomos para o Rio umas cinco ou seis vezes, mas na Rádio Nacional a gente se apresentou apenas nesta vez.*

*Mário Dedini financiou a viagem para o Festival da Espanha. Comprou um Volks, mas a rifa não deu certo e devolvemos o carro, ele devolveu. Financiou porque a gente não tinha dinheiro. Nós saímos daqui às pressas, foi tudo resolvido durante a noite, tudo em cima da hora. Quando chegamos ao Festival, não tinha vaga para a gente nos locais em que as bandas ficariam, ginásios, escolas. Chegamos atrasados. Eram sete ou oito bandas. Acho que eram bandas da Espanha, umas duas ou três da Itália, da França, dos EUA, da Força Aérea Americana, mas que tinha sede em Madri, e a nossa, única da América Latina.*

*Então ficamos num hotel bom, um cinco-estrelas, chegamos até a dar autógrafos. Meu irmão e o Luís Grosso, presidente, foram até a prefeitura para acertar tudo, ficamos por conta da prefeitura. Depois saímos de ônibus para visitar a cidade. Vimos Igrejas, acho que umas três...*

*Na primeira apresentação chegamos e ficamos quietos, a banda americana estava tocando, tocou o estilo deles. Aí chegou a nossa vez, tocamos uma música bem popular, "Vassourinha". Nossa, a gente não podia mais parar de tocar. Os americanos vieram e pediram a partitura, mas era tudo de ouvido! Aí saímos com o cortejo pelas ruas, as moças jogavam flores e confetes, lá (na Espanha) tem*

muitas flores. Saímos para a avenida, uns três ou quatro quarteirões e depois voltávamos, era como um círculo. No centro da avenida tinha cadeiras, as pessoas pagavam para sentar ali. A gente passava em frente a essas cadeiras. Era assim uma carreta com moças, acho que estudantes, e uma banda, uma carreta e uma banda...

Nós fomos a 3ª banda, andamos uns 50 metros, tocando músicas pesadas, dobrados e marchas, ficava bom, éramos 45 músicos. As pessoas jogavam confetes, que entravam nos instrumentos musicais. Aí meu irmão falou: "Se tem confete, vamos partir para o carnaval". Então tocamos "Tourada de Madri". Eles sabiam e acompanhavam. A "Tourada de Madri" mexeu com o povo. Virou uma grande bagunça, as pessoas se misturavam com a banda, todos cantando juntos.

Quando vi, só eu estava tocando, o povo e a banda estavam misturados. A gente começava a tocar às 4 da tarde e só acabava lá pelas 8 da noite. Os músicos de idade sofreram, tinham que ter muita disposição, pois a gente não conseguia parar de tocar. Lá pelas 20 horas eles já não conseguiam andar mais.

No outro dia as bandas iriam se apresentar na praça de esportes. A gente se apresentava e voltava para a arquibancada. Depois nos outros três ou quatro dias, a gente se apresentou nas cidades próximas. Saímos praticamente fugidos, queriam que a gente tocasse mais! Tocamos muito. A gente estava cansado. Para mim a Espanha parecia um sítio, é diferente daqui. Paramos em uma plantação de maçã, muito bonita, e começamos a comer, mas o dono veio e nos repreendeu. Ele falou para pegar apenas as maçãs do chão.

A recepção da cidade (na volta da viagem) não foi como deveria ser. A cidade deveria valorizar mais o basquete, o XV de Novembro e também sua música. Chegamos aqui, a família estava esperando, fomos ao Restaurante Mirante tomar um lanche. Estávamos cansados e queríamos ir para casa ver as famílias. A cidade não fez festa para a gente. Não esquecemos o sr. Mário Dedini, meu irmão entregou um presente para ele.

Depois da volta da Espanha, não paramos mais na cidade. Fizemos muitas apresentações fora, todo mês a gente era convidado para ir para outro município. Eles bancavam tudo, a gente não tinha dinheiro... mas os jornais pouco falavam da gente. Quem chegava à cidade procurava saber da sede da banda. Depois da Espanha, nós ficamos muito famosos. A viagem à Espanha foi o auge!

Lembro os almoços no Restaurante Papini com saudades. O almoço era feito nas quadras de boche no fundo. No dia 1º de maio, a banda começava com a alvorada às 4 horas da manhã. A gente não tinha condução, era tudo a pé mesmo,



só quando a gente tocava na casa do sr. Mário Dedini, ele arrumava um caminhão pra gente ir até a Vila Rezende. O trajeto era assim: a gente saía da sede, passava na Catedral, no Largo do Mercado, no Bom Jesus, no Cemitério, na casa dos Dedinis, na Paulista, na casa de sócios e pessoas que ajudavam e, na Vila, a gente passava nas indústrias Dedini, na casa de algumas pessoas, como na casa de João Coletto pai, que era compadre do meu pai, na Igreja Matriz e no restaurante Papini.

Na casa das pessoas a gente recebia uma bebidinha, uma comidinha... Na casa dos Dedinis a mesa era farta, tinha de tudo! A banda e a Vila têm proximidade por causa do Monsenhor Gallo, depois Monsenhor Nardin e pelas indústrias Dedini. O Mário Dedini morava na cidade, assim como o Dovílio Ometto, mas as indústrias ficavam na Vila.

A gente guardava os instrumentos no Papini, ao meio-dia o almoço começava, sempre tinha autoridades, o sr. Mário Dedini sentava na ponta da mesa. A banda para começar tocava o Hino Operário e depois o Nacional. A gente comia e começavam os discursos... Lá pelas 16 horas, a gente já tinha que ajudar aqueles que não estavam bons a ir para casa.

Tenho muitas lembranças, muitas delas registradas em fotos... Muitos músicos passaram pela "União Operária", que aprenderam música aqui ou que passaram pela banda, estão agora em outras bandas, levando o nome dela. Muitos músicos agora estão no mundo, na Europa, lá acho que são três, tem um que viaja de navio, mas a mãe ainda mora aqui.... acho que o filho do Barella está na Inglaterra...

Muitos desses músicos aprenderam com a Guarda Mirim. Lembro que as mães batiam no ônibus da banda e falavam: "Leva meu filho também!" A Guarda Mirim também tinha músicos nossos (da "União Operária"). Os músicos de hoje não tenho nada contra, mas muitos não podem tocar nas procissões, que é uma tradição da banda, porque têm outra religião... Isso não é certo, a gente tem que ser profissional. Tem um outro que hoje é músico da Orquestra Sinfônica de Santos ... É muito bonito, eles aprenderam aqui e cresceram. Levando sempre o nome da "União Operária".

Não participei das comemorações dos 100 anos, mas me senti feliz por ter participado dessa história. Cresci lá (na banda), eu estou envolvido com ela até hoje, mesmo a distância. A banda tem grande importância na vida da minha família, eu sou último filho, praticamente nasci na banda e cresci lá.

*A banda é tudo. Dependí dela durante muito tempo. Todo domingo eu tocava em alguma cidade da região, nas capelinhas... Eu dependí da banda muito tempo. A banda era a principal coisa da minha vida, é a minha história, e eu faço parte da história da banda... elas se misturam... eu aprendí tudo lá... Dirigi a banda durante uns 15 anos, isso sem ser um músico dos bons. Aprendí tudo lá.*

*O bonito sempre foi ver desde o início os meninos aprendendo música lá, primeiro a teoria e depois o instrumento. É assim que deve ser. Minha família sempre lutou e participou da banda. Quando a banda precisava de alguma coisa, a gente lutava, já fui até São Paulo e Brasília pedir apoios...*

*As despesas são muitas, maiores que o dinheiro que entra, está aí a dificuldade! São grandes dificuldades... No começo do século (XX) existiam muitas bandas... as dificuldades também existiam, mas parece que existia uma vontade de que as bandas tocassem... A banda nunca parou, sempre participou das procissões, festas, concursos, festivais... Hoje poucas pessoas conhecem a "União Operária", os jornais já não dão tanta atenção, não... Todo ano é sempre a mesma história, sempre a mesma coisa. É só no 1º de maio, depois para eles a banda deixa de existir.... Quanto tempo ainda será que a banda vai sobreviver?*

## 11

## DEPOIMENTO II

*“Foi uma época muito boa. A lembrança é muito bonita e extensa.”*

---

MAESTRO LUÍS FERREIRA GROSSO

**E**u comecei a minha vida musical na banda "Luiz Dutra", antiga banda Azarias de Mello. Meu irmão também participou dessa banda. Meu pai, que fabricava bandolim, queria que todos os filhos aprendessem música, considerava que a música tinha que ser obrigatória na vida de uma pessoa. Hoje sei a sua importância, até mesmo os médicos recomendam a música para a saúde. Já a minha transferência para a banda "União Operária" se deu no ano de 1945. Mudei de banda incentivado por uma pessoa de cujo nome não me recordo. Até hoje atuo na Corporação Musical, toco o "sax tenor", mas já toquei outros instrumentos, como o trombone.

Na época em que eu comecei a freqüentar os ensaios da "União Operária", as bandas da cidade se apresentavam todos os domingos no coreto da Praça José Bonifácio. A programação era dividida assim: dois domingos para a "Luiz Dutra" e dois para a "União Operária". As apresentações aconteciam das 8 às 10 da noite. Naquela época a juventude quadrava o jardim, muitas pessoas assistiam às apresentações. De um lado passeavam os homens, e de outro as mulheres. As pessoas tinham que se encontrar, que se ver, essa era a finalidade de quadrar o jardim.

A gente se preparava muito bem antes das apresentações, que eram um sucesso. O maestro era quem preparava o programa, que deveria ter duas horas. E assim o tempo foi passando, a banda sempre teve muito trabalho, muita influência na cidade, muitas apresentações. Durante muitos anos a banda se apresentou na Praça. Ultimamente a banda não está tendo condições, a parte financeira não é suficiente. A banda perdeu parte de seu espaço, de sua influência na cidade.

A "União Operária" sempre fez parte das comemorações cívicas das escolas, nas datas comemorativas. Antigamente o civismo era presente nos alunos, e a banda ajudava a divulgar e aumentar esse civismo. As passeatas que a banda fazia eram sempre acompanhadas pelo povo. Quando a comitiva passava pelas ruas, havia sempre a apresentação dos hinos pátrios. Era uma forma de levar para o povo os hinos.

Mas a banda não se apresentava apenas na cidade. Eram comuns as apresentações na zona rural. Alguns colegas, cerca de dez, representavam a "União Operária". As apresentações aconteciam de acordo com o calendário dos dias santos, sempre em festas e nas capelas. Os colegas apanhavam uma condução e iam para os bairros mais afastados, faziam as procissões do final da tarde. A banda também, por ocasião da Revolução de 32, acompanhou os jovens até a Estação. Nessa época eu estava com 5 anos, mas está tudo registrado na banda. Alguns músicos foram participar da Revolução.

A "União Operária" sempre participou de concursos, alguns o Estado promovia. Em função disso a banda tem um mundo de troféus guardados lá na sede, todos eles das competições de que participamos

Particpei do concurso de 50 (Concurso de Bandas Cívicas do Estado de São Paulo), foi uma situação desagradável. Eram duas músicas obrigatórias inclusive uma das músicas era pesada até. Pegamos o quarto lugar, mas uma grande maioria achou que a realidade foi outra. Tinha uma das bandas em que o maestro estava com 92 anos. Se não dessem a posição do primeiro lugar, ele poderia ter algum problema no coração. Tentaram acomodar uma situação para a banda de Jaboticabal (vencedora do concurso). Houve uma certa revolta pelo quarto lugar.

Particpei da compra da sede em 1947. Negociamos o prédio antigo e só depois construímos o atual. Quem comandava era o João Coletto (diretor na época). Ele fazia tudo, ele gostava demais. Até se sacrificava demais. Às vezes faltava dinheiro e ele pagava. Ele sempre ajudou a banda, queria ajudar a comprar a sede própria. Eu não tenho muito conhecimento sobre o livro-caixa, mas a banda ficou devendo para ele, e acertou com a família depois que ele morreu. A banda teve algumas famílias atuantes como os Colettos, mas também teve os Petermanns, estes foram maestros...

*A banda também fez uma apresentação na Rádio Nacional (Rio de Janeiro) em 1961. A banda teve conhecimento de que eles estavam recebendo bandas e se empenhou para ir... Não era um concurso, apenas festivais, apresentações.*

*A participação do sr. Mário Dedini foi importantíssima para a banda, ele gostava demais. Levou a gente para a Espanha e chegou a se comprometer que depois levaria a gente para a Itália, mas isso não aconteceu, não deu tempo.*

*A gente o tinha como um padrinho. Se ele ficava um tempo sem notícias da "União Operária", já telefonava, queria saber do caixa, das coisas que a gente ia fazer e precisava. Tinha um grande amor pela banda, sua ajuda foi espetacular. Na sua festa de aniversário, não deixava a banda na rua, chamava a gente para se apresentar dentro da sua casa e oferecia um grande lanche. Mário Dedini procurava saber se estava faltando alguma coisa na banda, sua vida era a banda, era muito apaixonado pela Corporação Musical.*

*Seu neto, "Malo Dedini", tem acompanhado os almoços. Agora ele é o patrono da banda. Ele está querendo continuar com os planos do avô. Nós precisamos de ajuda, a dificuldade financeira é grande. Foi graças a Mário Dedini que nós viajamos para a Espanha. Chegou até a comprar um fusquinha novo pra rifar, mas não deu certo...*

*Em 68, na viagem da Espanha, percebi que o povo não tinha conhecimento sobre o Brasil. Quando a gente falava que era brasileiro, eles ficavam admirados. Apenas as autoridades conheciam, sabiam como era o brasileiro. As autoridades sempre estavam presentes.*

*Ficamos lá uma semana. Todos os dias tinha uma apresentação para fazer, nos apresentamos também em cidades próximas (de Barcelona), Predalva, Valência e outras... O povo não conhecia o ritmo brasileiro, o samba. Onde a gente fazia a apresentação fazia um carnaval. O mais difícil era parar de apresentar, ir embora para descansar. Nós pegamos uma participação muito boa no concurso, nós nos preparamos. Queríamos voltar outras vezes, mas foi ficando difícil, não deu. Na volta não esquecemos o sr. Mário Dedini: o Petermann (maestro) e o Telmo Otero (diretor na época) entregaram para ele um presente, era um pequeno touro miúda das arenas. O Telmo Otero foi diretor da banda várias vezes, estava sempre presente. O João Chiarini também, foi orador da banda.*

*A banda continua até hoje porque tem uma sede própria, mas ainda assim é difícil. Depois de 1968 a banda nunca deixou de se apresentar, mas agora são poucas... Sempre existiu a vontade de continuar tocando. A banda continuou a levar o nome de Piracicaba para outras cidades, mas aqui começou a se apresentar menos. Foi uma banda muito conhecida.*

*Fico envaidecido porque participei dos 100 anos da "União Operária", tenho que agradecer estar vivo para ver isso. Ela foi a única banda brasileira a participar de um Festival na Espanha. Eu consegui fazer essa viagem. Foi uma época muito boa. A lembrança é muito bonita e extensa.*

# Rádio Nacional

APLAUSOS  
SILÊNCIO



Apresentação da Banda  
União Operária, na Rádio  
Nacional (RJ), em 1961

Acervo Banda U.O.P.

# 12

## FONTES DE PESQUISA

### LIVROS

- Neme, Mário, (org.). Almanaque de Piracicaba – 1936. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), s/d.
- Krähenbühl, Hélio, (org.) Almanaque de Piracicaba – 1955. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), s/d.
- Elias Netto, Cecílio. Memorial de Piracicaba século XX – Almanaque 2000. Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) e Jornal de Piracicaba, 2000.
- -- S/ autor. Piracicaba Passado e Presente. Piracicaba, Prefeitura de Piracicaba, 1988.
- Perecin, Marly Therezinha Germano. Síntese Urbana (1822 – 1930). Piracicaba, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), 1989.

### JORNAIS

- "Jornal de Piracicaba" – de 1904 a 1995, acervo IHGP e de 1996 a 2006 na Biblioteca Municipal "Ricardo Ferraz de Arruda Pinto".
- "Gazeta de Piracicaba" – de 1904 a 1938, acervo IHGP.
- "O Diário de Piracicaba" – anos de 1950, 1956, 1968 e 1970, acervo IHGP.

### DOCUMENTOS

- Livros-atas da Corporação Musical "União Operária" – 1910 a 1956.
- Transcrição de trechos dos livros-ata da Câmara Municipal pelo Prof. Guilherme Vitti – Arquivo da Câmara Municipal.



---

---

**Este livro foi composto em Minion  
por Los 3 Gatos Editores  
e impresso pela Gráfica Filipel  
em papel pólen soft para o  
Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba,  
em novembro de 2006**



Foto: Davi Ne

## Uma tradição musical centenária

No início do século XX em Piracicaba, várias agremiações musicais revezavam-se nas apresentações em bailes, eventos públicos, festas particulares e no *footing* domingueiro na Praça Central. As bandas eram então parte integrante do ambiente cultural e de lazer da época.

Cem anos depois, a Banda União Operária sobrevive como única representante desse passado musical da cidade. A publicação de “O Passar da Banda”, uma iniciativa que reuniu o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, a Secretaria Municipal da Ação Cultural, a Dedini S/A e a Câmara de Vereadores, reconstituiu, mediante uma inédita pesquisa histórica, os fatos e as imagens que marcaram a trajetória da “Corporação Musical União Operária de Piracicaba” ao longo desse centenário, fazendo assim o registro de sua história e prestando a justa homenagem aos músicos do grupo e a todos os que colaboraram para a permanência dessa tradição entre nós.

INSTITUTO  
HISTÓRICO  
E GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA



Sec. Mun. da  
Ação Cultural



Câmara de Vereadores  
de Piracicaba

